

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA**  
**CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS**  
**CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS**  
**SOCIAIS**

**ALEMANHA ORIENTAL: MODOS DE LEMBRAR**  
**APRESENTADA POR**  
**JULIANA ALVIM DE OLIVEIRA**

**PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO: OLIVER STUENKEL**

Rio de Janeiro, junho de 2016.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA**  
**CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS**  
**CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS**  
**SOCIAIS**

**ALEMANHA ORIENTAL: MODOS DE LEMBRAR**  
**APRESENTADA POR**  
**JULIANA ALVIM DE OLIVEIRA**

Rio de Janeiro, junho de 2016.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA**  
**CONTEMPORÂNEA DO BRASIL – CPDOC**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS**  
**CULTURAIS**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM BENS CULTURAIS E PROJETOS**  
**SOCIAIS**

PROFESSOR ORIENTADOR ACADÊMICO: OLIVER STUENKEL

JULIANA ALVIM DE OLIVEIRA  
ALEMANHA ORIENTAL: MODOS DE LEMBRAR

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais.

Rio de Janeiro, junho de 2016.

Oliveira, Juliana Alvim de

Alemanha Oriental: modos de lembrar / Juliana Alvim de Oliveira. – 2016.  
79 f.

Dissertação (mestrado) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: Oliver Stuenkel.

Inclui bibliografia.

1. Alemanha (Oriental) - História. 2. Alemanha (Oriental) - Política e governo - 1989-1990. I. Stuenkel, Oliver. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 320.9431

**JULIANA ALVIM DE OLIVEIRA**

**ALEMANHA ORIENTAL: MODOS DE LEMBRAR**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

Data da defesa: 09/06/2016

**ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO**



---

**Oliver Stuenkel**  
Orientador (a)



---

**Alexandre Luis Moreli Rocha**



---

**Mauricio Santoro**

Dedico este trabalho a todas as pessoas, em todos os países e em todos os tempos, que dedicam ou dedicaram suas vidas à preservação da memória. Que o futuro prove que seu esforço não foi em vão.

## AGRADECIMENTOS

A Stefan Wolle, pelo incansável trabalho no DDR Museum e pela preciosa hora dedicada a responder, com paciência e diligência, às minhas muitas perguntas.

À família Förster, pela linda tarde em Königs Wusterhausen e por compartilharem suas lembranças.

A Gerd Zimmermann, pelo relato tão rico em detalhes, pela disposição em colaborar com esta pesquisa e por não desistir do passado.

A Peter Förster, pela acolhida em seu lar e por me apresentar um lado para mim até então desconhecido da vida dos alemães.

A Alexandra Brustmann, por me receber com carinho e pelas conversas de fim de noite na cozinha.

À minha mãe, Célia Alvim, e ao meu pai, Dionisio Augusto de Oliveira (*in memoriam*), pelo compasso moral e resiliência.

A Bene Alexandre, por me completar, me desafiar e me incentivar a ser a melhor versão de mim mesma.

Ao meu orientador, Oliver Stuenkel, pela paciência e incentivo, pelo interesse por meu tema e pelo olhar germânico de que este trabalho precisava.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais, em especial à professora Luciana Heymann, pela dedicação e paixão pelo ofício.

Aos professores da banca de qualificação, Luciana Heymann e Mauricio Santoro, pela importante colaboração.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, foram essenciais para que esta dissertação pudesse ser escrito: Melanie Alperstaedt, Rachel Dickstein, Sonja Rosenstiel, Sven Lager e Cristina Esser.

A Berlim, pela inspiração.

## **RESUMO**

Mesmo após quase 27 anos da queda do Muro de Berlim, a memória da Alemanha Oriental ainda é alvo de disputas. Sua apropriação se dá, hoje, principalmente por meio da musealização e da comercialização de símbolos do passado, mas o peso das memórias individuais ainda é suficientemente grande para impedir o esquecimento pela via do consumo. Neste trabalho, procuro abordar diferentes modos de lembrar a Alemanha Oriental por meio de depoimentos de pessoas que vivenciaram, de maneiras muito distintas, o regime socialista que findou definitivamente com a unificação do país com a Alemanha Ocidental, em 3 de outubro de 1990. Pretendo também apresentar um olhar estrangeiro sobre as complexidades de Berlim e seu apego ao não-esquecimento de seu difícil passado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Alemanha Oriental, memória, unificação, nostalgia, esquecimento, consumo.



## **ABSTRACT**

Even after almost 27 years since the fall of the Berlin Wall, the memory of East Germany is still disputed. Its appropriation today happens mainly through ‘museumization’ and the marketing of symbols from the past, but individual memories are still sufficiently powerful to prevent forgetting through consumerism. In this dissertation, I seek to approach different ways of remembering East Germany through testimonies of people who, in very distinctive ways, lived the socialist regime that ended with the country’s unification with West Germany in 3 October 1990. I also intend to present a foreign outlook into Berlin’s complexities and its commitment to not forgetting its difficult past.

**KEYWORDS:** East Germany, memory, unification, nostalgia, forgetting, consumerism.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – Conhecendo <i>Herr Wolle</i>.....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II – “Não era só o ‘Estado da Stasi’” .....</b>	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO III – Foi tudo esquecido? .....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO IV – Testando Berlim .....</b>	<b>53</b>
<b>CAPÍTULO V – Conclusão.....</b>	<b>65</b>
<b>OBSERVAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>
<b>ANEXO – Imagens de Berlim.....</b>	<b>75</b>

## INTRODUÇÃO

### **Berlim, 9 de novembro de 1989**

Berlim não é o lugar para visitar se você está procurando por romance. Ela não é uma cidade meiga, ou bonita de um jeito mais óbvio, turisticamente falando. Berlim é um lugar onde você pode ver várias (se não todas) as cicatrizes históricas mais profundas do século XX. É uma cidade cujo povo parece ter orgulho em resistir ao impulso de varrer seu passado para baixo do tapete da gentrificação.<sup>1</sup>

Berlim é o lugar para onde você vai caso queira vivenciar um pouco do passado e ter uma visão do futuro.

Minha história com Berlim é longa. Em novembro de 1989, eu era uma menina no Rio de Janeiro e estava descobrindo que havia um mundo para além do meu bairro. Um dia, assistindo ao noticiário na TV, uma luz acendeu em minha mente, e rapidamente eu compreendi, de maneira clara, o significado da palavra “liberdade”. Havia uma multidão em pé sobre o Muro de Berlim – que dividia a cidade em duas e manteve berlinenses do Leste e do Oeste separados por 28 anos –, enquanto outras pessoas tentavam derrubá-lo com marretadas.

Alguns dançavam, enquanto outros cantavam, e na expressão de todos parecia haver um enorme alívio, assim como otimismo. O futuro parecia promissor. Berlinenses poderiam ser um só povo. Berlim poderia ser uma só cidade. E a Alemanha podia começar a pensar na possibilidade de ser uma só novamente.

### **O contexto**

O final de 1989 foi particularmente interessante para o Leste Europeu. No período, países vivenciaram revoluções e derrubadas de regimes em série. O efeito dominó culminou, na Alemanha, com uma série de protestos populares que, no intervalo de pouco mais de um mês, levariam à queda do Muro de Berlim.

---

<sup>1</sup> Gentrificação, aqui, é entendida como o fenômeno urbano pelo qual, com a chegada de grupos de maior poder aquisitivo, bairros e regiões de uma cidade têm sua paisagem transformada para refletir novos padrões de moradia e consumo. No artigo *Berlin's Gentrification Mainstream*, Andrej Holm mostra as diferentes faces do fenômeno na cidade (HOLM, 2013).

O evento deu início a um movimento de transformações para os alemães em direção à reunificação (ou unificação)<sup>2</sup> do país, separado desde o final da Segunda Guerra Mundial em duas nações – a República Federal da Alemanha (RFA), ou Alemanha Ocidental, e a República Democrática Alemã (RDA), ou Alemanha Oriental.

O processo de unificação foi marcado por tensões que persistem até hoje. Um dos fatores de disputa é a memória da antiga Alemanha Oriental (*Deutsche Demokratische Republik*, ou DDR na sigla alemã), cristalizada em livros, filmes, séries de TV, documentários, trabalhos acadêmicos, museus e exposições, e ainda viva na mente e no discurso dos alemães que viveram o período.

No final de setembro de 2015, viajei à Berlim com o objetivo de compreender fenômenos atuais relacionados à memória da Alemanha Oriental no contexto dos 25 anos da unificação alemã, comemorados em 3 de outubro de 2015. Por meio de entrevistas com personagens de origens e histórias de vida diversas, procurei trazer um lado humano a uma discussão que, vista de fora, existe apenas em livros, artigos científicos, reportagens e documentários. Este projeto é o reflexo de um esforço confesso de capturar algo efêmero e multifacetado. É, ainda, um empreendimento pessoal em busca do espírito de Berlim visto pela TV naquele longínquo dia em novembro de 1989.

Para atingir esse propósito, iniciei uma busca por fontes que pudessem auxiliar no desenho de um panorama mais complexo do que é a preservação da memória da DDR, tanto em instituições quanto em meio a relatos individuais que dessem conta da multiplicidade de modos de experimentar o regime e de rememorar essas vivências. Entrei em contato, por e-mail, com a direção de museus (Museu da DDR, Museu da Stasi, Memorial de Berlim-Hohenschönhausen e Museu Histórico Alemão) na tentativa de marcar entrevistas presenciais com diretores e historiadores. Com isso, pretendi trazer à discussão não somente algumas amostras dos discursos oficiais sobre memória, mas também os próprios relatos pessoais desses indivíduos.

---

<sup>2</sup> O uso recorrente do termo “unificação” pode ser encontrado, entre outras publicações, na coletânea de artigos “*Remembering and rethinking the GDR: multiple perspectives and plural authenticities*” (PINFOLD, SAUNDERS, 2013).

Tive sucesso apenas em meu contato com o Museu da DDR, que rendeu uma entrevista com o historiador-chefe da instituição. Não obtive resposta nos contatos com os outros museus, mas visitei todos na esperança de, uma vez estando lá, conseguir entrevistar algum representante das instituições. Logrei alguma sorte somente no Memorial de Berlim-Hohenschönhausen, onde pude entrevistar não um diretor do museu, mas um ex-prisioneiro da penitenciária que funcionou no local.

Além das narrativas oficiais, durante minha estada em Berlim também busquei relatos de pessoas comuns que estivessem dispostas a falar sobre sua experiência como cidadãos da Alemanha Oriental. Tratando-se de uma tarefa consideravelmente mais difícil, que requeria conhecimento prévio de indivíduos com esse perfil ou de pessoas que pudessem me apresentar a elas, recorri a um de meus anfitriões na cidade, Peter Förster, cuja família viveu na antiga DDR, tendo ele mesmo nascido e crescido no país. Por esta via, consegui um relato espontâneo de seus avós e de sua mãe durante uma visita à casa de campo da família, em Königs Wusterhausen.

De todas as entrevistas, apenas a do diretor do Museu da DDR seguiu um roteiro previamente estabelecido. As outras seguiram um formato mais livre, com perguntas inspiradas pelo encaminhamento dos relatos e pela própria história individual dos entrevistados.

Por esses depoimentos, pretendi compreender não somente como a memória da Alemanha Oriental foi preservada, mas também como é possível conciliar experiências e visões tão distintas desse período da história alemã, incluindo o processo de unificação e as transformações que vieram em seu rastro – transformações essas que alteraram de modo irreversível o dia a dia dos cidadãos do antigo país, o que é evidenciado nos relatos presentes neste trabalho.

### ***Die Wende***

A unificação das duas repúblicas alemãs pode ser entendida como o processo que inicia com a queda do Muro de Berlim, em 9 novembro de 1989, passa por mudanças e adaptações sociais, econômicas, políticas e culturais nos dois países e culmina com a unificação definitiva, declarada em 3 de outubro de 1990. Conhecido como “*Die Wende*” (“a virada” ou “a mudança”), o movimento inclui a dissolução do governo

socialista na RDA, a restituição da região à divisão por estados (abolidos em 1952) e a incorporação destes à Alemanha Ocidental, formando assim a unidade alemã, que se tornaria a nova Alemanha unificada.

Em 28 de novembro de 1989, semanas após a queda do Muro de Berlim, o então chanceler da Alemanha Ocidental, Helmut Kohl, anunciou ao Parlamento alemão (o *Bundestag*) um programa de 10 pontos que pretendia estabelecer as condições para a cooperação entre as duas Alemanhas, visando à futura unificação. O programa previa, entre outros tópicos, apoio econômico e tecnológico da República Federal à RDA, eleições livres, democráticas e secretas nos estados da Alemanha Oriental, com a participação de partidos de todos os espectros ideológicos, a criação de instituições comuns aos dois países, a manutenção e o respeito à ordem e à integração pan-europeias dentro do território alemão e o desarmamento e controle de armas no país.<sup>3</sup>

Com o programa, Kohl afirmava o desejo da RFA por uma Alemanha unificada, livre e autodeterminada, e acenava para uma integração entre os países capitalistas e o bloco socialista europeu, que vivia seu declínio e dissolução gradual no fim dos anos 1980 e início dos 1990.

## O dia seguinte

“(...) após terem tomado as ruas em oposição ao Estado socialista e participado de influentes comitês populares durante a transição, muitos (alemães) orientais se sentiram novamente excluídos da política. Muitos se perguntaram quanto de ‘democracia’ eles realmente conquistaram.”

(Jason James, *Preservation and national belonging in Eastern Germany. Heritage fetishism and redeeming Germanness.*)

O processo de unificação, porém, implicou para a antiga Alemanha Oriental a desestruturação de sua organização socioeconômica e uma mudança de paradigmas políticos, com a relativa perda do diálogo direto entre população e representantes. Os moradores da RDA vinham de uma longa tradição de “petições de cidadãos” (*Eingaben*), cartas enviadas às autoridades estatais locais ou federais cujos assuntos variavam do mais trivial ao mais essencial, como queixas sobre colegas de trabalho e

---

<sup>3</sup>German History in Documents and Images.

reclamações sobre saneamento básico e condições de moradia. Tal tradição morreu aos poucos nos anos seguintes à unificação.<sup>4</sup>

Além disso, alemães orientais testemunharam o desmantelamento de sua estrutura produtiva e o despojo de sua herança cultural, com o fim de programas de TV dos canais orientais, o término da fabricação de produtos que faziam parte do dia a dia dos cidadãos (como sabão para lavar roupas, chocolates e o automóvel popular “oficial” da RDA, o Trabant) e a retirada dos sinais de trânsito que orientavam o tráfego de pedestres, os *Ampelmännchen* (literalmente, “homens do semáforo”), das ruas da Alemanha Oriental.

O processo foi facilitado, em parte, pelo próprio desejo dos alemães orientais de descartar seus produtos e “testar o Oeste” (como ditava o slogan de uma marca de cigarros da RFA, apropriadamente batizada de West), o que pôde ser visto no frenesi consumista que levou os cidadãos da RDA a invadirem lojas e centros comerciais do lado Ocidental após a queda do Muro.

Segundo a antropóloga americana Daphne Berdahl, com o fim do socialismo e a unificação das duas Alemanhas, os produtos da RDA entraram em uma nova fase de sua existência e passaram a significar, de forma metonímica, a própria RDA, vistos como símbolos da ineficiência, do atraso e da inferioridade socialistas (2010: p. 50), visão compartilhada, ainda que brevemente, pelos próprios alemães orientais.<sup>5</sup>

Nos anos que se seguiram, produtos, costumes e manifestações culturais da RDA passaram a ser experimentados de maneiras distintas. A vida na Alemanha Oriental foi cristalizada por meio de sua musealização, com a proliferação de museus e mostras sobre os dias da RDA, e por seu ressurgimento na indústria cultural alemã, que experimentou, desde os anos 1990, um *boom* de filmes e séries de TV que recriavam a atmosfera, hábitos e estética da DDR.

Por outro lado, a crescente insatisfação dos alemães do lado Leste com o processo de unificação e com o despojo de sua bagagem cultural levou ao surgimento de um

---

<sup>4</sup> BETTS, 2010, pp. 173-192, 237 e 238.

<sup>5</sup> BACH, 2002, p. 46.

sentimento nostálgico sobre o passado socialista e à uma reação fortemente calcada no consumo de produtos que remetessem, de alguma forma, à RDA – um fenômeno conhecido como *Ostalgie* (da junção das palavras *Ost* – Leste – e *nostalgie* – nostalgia).

Ao “recusar as obviamente superiores mercadorias ocidentais em favor dos ‘bons e velhos’ produtos alemães orientais”, os orientais estariam buscando usar simbolicamente o mercado contra o Ocidente, analisa o pesquisador americano Jonathan Bach (2002: p. 549), apontando, mais de uma década após a queda do Muro de Berlim, o distanciamento de uma postura de desprezo por tudo que relembresse a antiga Alemanha Oriental em prol de uma retomada simbólica da RDA pelo consumo.

### **Nostalgia**

A chamada *Ostalgie* é vista por alguns estudiosos como uma resposta dos alemães orientais à insatisfação e à inadequação sentidas no contexto da nova Alemanha unificada. Na nova nação, sua trajetória social, histórica e política é relegada a um papel secundário, e as experiências que tornavam seu cotidiano familiar são enxergadas como manifestações do atraso do regime socialista.

Em face a uma “memória dominante” da RDA como Estado opressor, controlado pela atuação do Ministério de Segurança do Estado (*Ministerium für Staatssicherheit*, ou MfS, mais popularmente conhecido como Stasi) e marcado pelo cerceamento das liberdades individuais e do direito de ir e vir de seus cidadãos, a *Ostalgie* também pode ser interpretada como uma trivialização do passado ou, em casos mais extremos, até mesmo como um desejo de retorno ao socialismo experimentado na Alemanha Oriental.<sup>6</sup>

É em meio à suposta desvalorização do passado da RDA que discursos de insatisfação, nostalgia e identidade passam a fazer parte da disputa pela memória da Alemanha Oriental, e noções de colonização surgem nas discussões sobre o processo de unificação alemã.

---

<sup>6</sup> HYLAND, 2013, p. 103.



Daphne Berdahl exemplifica a dicotomia e a polarização Ocidente x Oriente contrastando o Trabant – um carro feito de compensado de algodão e fibra de vidro, quadrado, lento e pouco espaçoso – aos rápidos Mercedes Benz, Porsches e BMWs, produzidos no lado Oeste da Alemanha (Berdahl, p. 50). O discurso da diferença, do atraso *versus* avanço, do embate de identidades socioculturais informa a visão de que o processo de unificação pode ser visto, por grupos contrários ou insatisfeitos, como um processo de colonização.

### **Unificação ou colonização?**

O pesquisador britânico Paul Cooke abre seu “*Representing East Germany since Unification*” citando uma proposição dos cientistas sociais alemães Wolfgang Dümcke e Fritz Vilmar, aparentemente incomum no contexto da unificação de duas nações europeias: se a colonização for entendida não como o massacre de nativos ou a ocupação por tropas coloniais, mas sim como a destruição de estruturas sociais e econômicas e das chaves identitárias de uma população, o processo de unificação das duas Alemanhas pode ser considerado um processo de colonização da RDA pela Alemanha Ocidental.

Segundo Cooke, “a linguagem de colonização permeou discussões sobre a unificação alemã e sobre o lugar dos alemães orientais dentro desta nova sociedade nos anos 1990”, e a unificação foi apresentada como uma subjugação quase colonial da RDA pela RFA (Cooke, p. 2). Assim, o pesquisador abre caminho para a incorporação do conceito de Orientalismo, tal como definido pelo teórico palestino-americano Edward Said, às discussões sobre a unificação alemã.

Em sua obra “*Orientalism*”, de 1978, Said define o conceito como “um modo de pensar baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (na maior parte do tempo) ‘o Ocidente’”, e a distinção elementar entre Oeste e Leste como o ponto de partida para “teorias elaboradas (...), descrições sociais e relatos políticos sobre o Oriente, seu povo, costumes, ‘mentalidade’, destino” (Said, pp. 2-3).

Para Cooke, apesar de o modelo utilizado por Said não se enquadrar completamente à Alemanha Oriental, “dentro da economia da estereotipificação encontrada nos debates da unificação, é possível encontrar fortes ecos do sistema de valores ‘orientalista’” de

Said, o que fica ainda mais evidenciado quando considera-se que a unificação não foi “uma união de iguais, mas sim uma ascensão do Oriente ao Ocidente” (Cooke, p. 12). O conceito de Orientalismo desempenha, ainda de acordo com Cooke, um papel considerável nas representações sobre a Alemanha Oriental. Uma dessas representações equipara o passado autoritário e socialista da RDA à Alemanha nazista, em contraste com o estado democrático da Alemanha Ocidental, de modo que “o passado autoritário da nação é construído como uma trajetória histórica ilegítima, ou nos termos de Said, como uma alteridade ‘orientalista’ má da Alemanha, que se coloca em contraste profundo com a iluminada RFA” (Cooke, p. 12).

Esta não é, porém, a única representação que toma por empréstimo o conceito saidiano de Orientalismo. Discursos que afirmam que a Alemanha Oriental, em seu suposto atraso, seria uma versão mais “autêntica” de uma identidade alemã, em contraste com uma RFA mais americanizada, também tiram proveito da noção orientalista de colonização (Cooke, p. 13), e demonstram que não apenas os “colonizadores” se apropriam de narrativas que contrastam Oriente e Ocidente. “O foco aqui não é mais no ‘Oriente’ como um espaço imaginado para melhorar a imagem do Oeste. (...) as vozes dos colonizados passam a ter uma plataforma” (p. 14).

Assim, uma identidade de resistência, ou *Trotzidentität*, é formada, e encontra expressão em manifestações culturais e no consumo de produtos identificados com a Alemanha Oriental. Essa identidade de enfrentamento é formada “pela comparação com a Alemanha Ocidental” e tem origem em um sentimento de alienação, que dá forma a “um sentimento muito mais forte de ser ‘alemão oriental’ do que a maior parte dos cidadãos da antiga RDA jamais sentiram”.<sup>7</sup>

A “identidade de resistência”, porém, não é exclusiva dos alemães orientais. Para Cooke, é possível perceber uma nostalgia por aspectos da antiga Alemanha Ocidental – uma *Westalgie*, que se expressa em uma valorização de um tempo em que a Alemanha ainda não havia retornado ao palco principal da geopolítica mundial.

---

<sup>7</sup> SIERP, 2009, pp. 50-51.

É possível encontrar os mesmos arquétipos do embate Oriente *versus* Ocidente no conflito instaurado entre uma suposta identidade alemã oriental imposta pela nova ordem da Alemanha unificada e a identidade de resistência elaborada pelos próprios alemães orientais como maneira de se posicionar e reagir ao processo de apagamento de sua história. Nesse contexto, a noção de uma nostalgia pós-socialista pode ser vista não como um desejo de retorno ao passado ou como uma retomada de símbolos, objetos e fenômenos culturais que recuperem uma identidade “alemã oriental”, mas sim como um conceito e discurso alemão-ocidentais que reforçam as diferenças entre os dois países.<sup>8</sup>

Para o antropólogo americano Dominic Boyer, o discurso sobre a *Ostalgie* seria sintomático de uma “utopia alemã ocidental pós-unificação de uma afinidade natural dos alemães orientais com o passado”, o que indicaria, “na lógica ainda viva da identificação com a Guerra Fria, que os alemães ocidentais teriam uma afinidade natural com o futuro” (p. 373). Assim, ele “caminharia lado a lado com a percepção de que falta aos orientais a sensibilidade democrática alemã-ocidental”, e com a atribuição aos antigos cidadãos da RDA de tendências autoritárias que reforçam a caracterização de uma mentalidade atrasada, voltada para o passado.

Por outro lado, em contraste com uma identidade alemã-ocidental “visionária”, o suposto atraso da Alemanha Oriental seria responsável por uma maior inclinação a manter e recuperar tradições nacionais, o que os colocaria na vanguarda da retomada de uma identidade tipicamente alemã, supostamente perdida na RFA com a americanização do Oeste.<sup>9</sup>

### **Humanizando a RDA**

As discussões apresentadas até o momento são apenas algumas das muitas visões sobre o tema Alemanha Oriental e sua memória controversa, disputada e nunca propriamente consensual. Em duas décadas e meia, a academia ocidental – especialmente de língua inglesa, como a britânica e a americana – produziu farta bibliografia que se ocupou de compreender os aspectos materiais, históricos, socioeconômicos e culturais do fim da RDA e da unificação alemã.

---

<sup>8</sup> JAMES, 2012, p. 12.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 12 e COOKE, 2005, p. 13.

O objetivo desta pesquisa não é apenas o de compilar e reproduzir as conclusões de tais trabalhos e, com isso, contribuir para diminuir o vazio de uma bibliografia sobre o tema em língua portuguesa – boas traduções dos livros e artigos citados até aqui e dos que ainda citarei cumpririam esta função com competência incomparável. O que este trabalho realmente pretende é trazer algumas das vozes dos que viveram a realidade da RDA, daqueles que se desiludiram com o regime, daqueles que foram felizes, daqueles que padeceram em alguma prisão por serem considerados “inimigos do Estado”.

Humanizar as narrativas sobre a Alemanha Oriental é apenas um passo em direção a um entendimento mais profundo e menos maniqueísta de um país tão complexo, cuja memória jamais poderá ser destinada ao “lixo da História” enquanto houver vítimas, e enquanto houver saudosistas, dos horrores e das (discutíveis) delícias que se passaram por trás da cortina de ferro que enclausurou o país por quatro décadas.

Nas próximas páginas, irei relatar meus encontros com alguns representantes dessas diferentes maneiras de lembrar a RDA. Os capítulos não seguem a ordem cronológica dos encontros, mas sim um encadeamento que me pareceu mais lógico diante do quadro que se formou após o fim da minha estada em Berlim.

Meu primeiro personagem, Stefan Wolle, historiador-chefe do Museu da DDR, nasceu e cresceu na Alemanha Oriental e viveu como um cidadão relativamente comum no país. Após ver de perto os efeitos do comunismo na antiga URSS, desiluiu-se com o sistema e lutou pelo fim do regime em seu país.

Meu segundo personagem é, na verdade, uma família. Os Förster me receberam em uma tarde de domingo em sua casa de campo nos arredores de Berlim e me proporcionaram uma janela na vida e na mente dos alemães para quem a RDA não é simplesmente “o Estado da Stasi”. Sua franqueza me deu uma amostra de um pensamento que poucas pessoas com quem tive contato em minhas idas à Alemanha revelaram. O choque cultural do encontro ainda me trouxe outros benefícios, menos acadêmicos, pois me ensinou um pouco mais sobre o cotidiano e os hábitos dos alemães naquela região do país.

O terceiro personagem é Gerd Zimmermann, que tentou escapar do bloco comunista atravessando a pé a fronteira entre Bulgária e Grécia. Após ser pego, foi mandado para Hohenschönhausen – principal prisão política da RDA, hoje um memorial no Leste de Berlim –, onde ficou por mais de dois anos. Nosso encontro acontece no próprio complexo prisional, onde Zimmermann promove visitas guiadas durante os meses em que reside na cidade. Sua história exemplifica a de tantos outros cidadãos da Alemanha Oriental: vítimas da brutalidade do Estado que, após o fim do regime, testemunharam a anistia de seus algozes.

Definir exatamente qual é o quarto e último personagem deste trabalho não é tarefa das mais simples. Poderia dizer que é Berlim, como a vivenciei em 3 de outubro de 2015 e nos dias que se seguiram, durante os quais me lancei de modo incerto e ao mesmo tempo voraz nos recantos mais distantes e menos turísticos da cidade, buscando respostas sobre o que os alemães ainda lembram da Alemanha Oriental. Poderia dizer que sou eu mesma, caminhando pelas alas intermináveis da antiga sede da Stasi, perdendo-me no caminho para o memorial de Hohenschönhausen e me perguntando o tempo todo: o que estou buscando aqui? O que espero encontrar?

Independentemente de qual seja o quarto personagem, ele não pode ser menos do que um amálgama entre mim e a cidade, entre o que Berlim é e o que eu imagino que ela seja. Entre a memória de quem sempre estive lá e a minha memória do dia 9 de outubro de 1989, sentada à frente da TV e descobrindo que o mundo não terminava no Rio de Janeiro.

## **CAPÍTULO I – Conhecendo Herr Wolle**

Conseguir encontrar pessoas dispostas a falar sobre a memória da Alemanha Oriental e chegar ao ponto de marcar entrevistas com elas é uma tarefa mais difícil do que eu gostaria. Ainda no Rio, passo semanas enviando e-mails e aguardando respostas de relações-públicas e assessores de imprensa de museus e instituições em Berlim cuja temática principal é pertinente ao meu tema – os diferentes modos de lembrar a RDA, que vão desde a memória da repressão estatal até a *Ostalgie*, passando por um amplo espectro de questões socioculturais que repercutem na Alemanha ainda hoje.

Com alguma sorte e muita persistência (e alguns ‘nãos’ ou, na maior parte das vezes, silêncio absoluto do outro lado da troca de e-mails), saio do Rio no fim de setembro de 2015 com uma entrevista marcada. Graças à ajuda de uma funcionária obstinada e prestativa, consigo agendar uma conversa com Stefan Wolle, diretor e historiador-chefe do Museu da DDR (*DDR Museum*), localizado no centro de Berlim.

O Museu da DDR foi fundado em Berlim em 2006, com a proposta de ser o primeiro na cidade a representar a RDA de maneira mais multifacetada. Enquanto outros museus dedicados à Alemanha Oriental se concentravam na repressão de Estado e na tragédia do Muro de Berlim, o novo espaço pretendia mostrar aos visitantes um cotidiano mais complexo, abordando não apenas o lado político, mas também o lado cultural e material do país. O museu é totalmente interativo e se orgulha de ser 100% autofinanciado, diferentemente de outras instituições da mesma natureza na cidade.

Um dos maiores méritos do Museu da DDR – junto com o fato de não ser apenas um emaranhado de corredores sem conexão lógica, mas sim um salão enxuto, com diversos ambientes bem delimitados e bastante didáticos – é conseguir reunir com fluidez, em um único espaço, aspectos distintos da vida na RDA. O museu aborda com naturalidade tanto o cotidiano e a cultura material da Alemanha Oriental quanto o lado mais sombrio e dramático da repressão política, representado pela atuação da Stasi.

Na exposição, é possível conhecer produtos fabricados na RDA para substituir bens do bloco capitalista que não eram vendidos no país, como café e jeans, e até ensaiar

alguns passos do Lipsi,<sup>10</sup> estilo de dança inventado na Alemanha Oriental como alternativa socialista à “ameaça” do rock. Uma ala do museu expõe fotos das férias de verão à moda alemã-oriental: corpos nus praticando esportes à beira de lagos ou praias, na própria RDA ou em outros países do bloco comunista, para onde os alemães orientais tinham permissão de viajar.

Encontro *Herr Wolle* em uma bonita e ensolarada tarde de sexta-feira, dia 2 de outubro – véspera da comemoração dos 25 anos de unificação da Alemanha. Enquanto aguardo por ele na recepção – que divide espaço com a lojinha do museu – observo os objetos e livros à venda e a fila considerável de pessoas comprando entradas para a exposição. Um contador no site do Museu da DDR aponta que, até o dia 1º de janeiro de 2016, mais de quatro milhões de pessoas já visitaram o local, um número que me parece espantoso para um museu que só existe há uma década.

Estive no Museu da DDR pela primeira vez em 2014, e considerei o ponto alto da minha visita a oportunidade de experimentar um simulador que emulava a sensação de dirigir um Trabant pelas ruas de Berlim. O carro era apertado, pequeno e baixo, a marcha e os pedais eram duros e tudo parecia enorme olhando de dentro para fora do carro. Era uma trivialização da (acredito eu, péssima) experiência real de dirigir um *Trabi* pelas ruas largas de Berlim Oriental, mas foi divertido. Era mais um exemplo de como a memória da RDA se presta, no século XXI, a diferentes usos – usos que provavelmente fariam corar um membro do *Politbüro*<sup>11</sup> alemão-oriental.

*Herr Wolle* surge na recepção e nos cumprimentamos. Ele é um senhor que aparenta ter uns 60, 65 anos e de estatura média para um alemão. Seu físico me lembra o de um Papai Noel fora de serviço. Ele não é gordo, mas sim “parrudo”, barba e cabelos completamente brancos e olhos que sorriem atrás de seus óculos. Saímos do museu e caminhamos até um café próximo, onde nos instalamos em uma mesa no salão principal.

---

<sup>10</sup> Em “*Stasiland*”, Anna Funder descreve o Lipsi de maneira bem humorada. Uma amostra do que era o Lipsi pode ser vista no Youtube. Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=0Qbc9VUBy\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=0Qbc9VUBy_8)>.

<sup>11</sup> Instância máxima do Comitê Central do SED (*Sozialistische Einheitspartei Deutschlands*, ou Partido Socialista Unificado da Alemanha, que governava a RDA), composto por membros mais seniores do partido.

No início da conversa, percebo que Wolle, apesar da fluência no inglês, fala com um forte sotaque e tem certa dificuldade para me entender quando falo mais rápido. Encontro um ritmo adequado para fazer minhas perguntas e pedimos bebidas – eu um suco de maçã, ele, um café.

Com o gravador do meu celular posicionado, explico a ele o motivo de minha ida à Berlim. Quero entender como os alemães lidam com a memória da RDA hoje. Comento que sei que Wolle nasceu na Alemanha Oriental e fez parte do movimento que resistiu ao regime em seus anos finais. A partir daí, deixo ele ditar o ritmo da conversa.

### **A gênese de um opositor**

Stefan Wolle nasceu em Halle an der Saale, uma cidade universitária da Saxônia-Anhalt, na RDA. No país, ele estudou, serviu o Exército por um ano e meio, trabalhou, casou-se e teve filhos. Frequentou a prestigiosa Universidade Humboldt, em Berlim Oriental, onde estudou História Russa antiga. Segundo ele, o estudo da história recente dos países do bloco comunista tinha uma forte carga ideológica, diferentemente do estudo da história antiga, que era “mais livre”.

Por conta de sua formação e interesse acadêmico, visitou a URSS várias vezes. Exatamente por isso, perdeu a “última ilusão” em relação ao sistema comunista. “Era possível ver claramente a catástrofe social e econômica na URSS”, diz.

Durante a revolução democrática de 1989, Wolle direcionou seu interesse para a história contemporânea. Ocupou-se de acompanhar e pesquisar a dissolução da Stasi e a oposição na RDA. No período imediatamente após o 9 de novembro, integrou a *Zentrale Runde Tisch*,<sup>12</sup> ou Mesa Redonda Central, instituição especial da revolução criada para estabelecer um diálogo entre o poder atuante na Alemanha Oriental e as forças de oposição.

---

<sup>12</sup> Em artigo publicado em dezembro de 1990 na *Electoral Studies* intitulado “*Eastern Germany*”, John Fitzmaurice traça um panorama do período de transição democrática na Alemanha Oriental, incluindo a atuação da Mesa Redonda Central.



O objetivo da Mesa Redonda era promover uma transição pacífica de um regime socialista ditatorial para uma democracia com eleições livres. Novos grupos políticos, assim como partidos e organizações do antigo governo, tinham um lugar na instituição. Criada em dezembro de 1989, pouco tempo antes das primeiras eleições livres da RDA, a Mesa Redonda funcionou até março de 1990. “Foi um tempo curto, porém importante”, explica Wolle. Após as eleições, o grupo perdeu a importância.

Na esteira do fim do regime, Wolle foi um dos responsáveis por investigar (junto com o historiador Armin Mitter, com quem fundou a *Unabhängiger Historikerverband der DDR*, ou Associação dos Historiadores Independentes da RDA) o extenso arquivo da Stasi, o que rendeu a edição de um livro, “*Ich liebe euch doch alle*” (“Eu amo todos vocês”, disponível apenas em alemão).

O título do livro é uma referência a uma frase tornada célebre pelo último Ministro de Segurança do Estado da RDA, Erich Mielke, em discurso desesperado frente a um crescentemente hostil Parlamento (*Volkskammer*) da Alemanha Oriental no dia 13 de novembro de 1989 (é possível encontrar o referido trecho do discurso no Youtube).<sup>13</sup> Em pouco tempo, o livro vendeu 250 mil cópias, e o dinheiro foi utilizado para ajudar a estruturar o movimento de oposição.

“Durante esse período, a Stasi foi dissolvida em todas as cidades da Alemanha Oriental. A sede da organização em Berlim foi ocupada por cidadãos na noite de 15 de janeiro de 1990”, explica Wolle. A ocupação da sede em Berlim foi vital para evitar a destruição completa dos arquivos da Stasi pelos funcionários do MfS, provavelmente ordenada com o intuito de ocultar provas que comprometessem o ministério.

Atualmente, milhões de pedaços de documentos rasgados à mão ou em trituradores estão no arquivo central da Agência da Comissão Federal para os Arquivos da Stasi (BStU na sigla em alemão), em Berlim, sendo montados como peças de um

---

<sup>13</sup> Apenas em alemão, sem legendas. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=1XBEquy5Mck>>.

gigantesco quebra-cabeças.<sup>14</sup> “A tomada (da sede) foi muito importante, pois foi algo absolutamente inédito”, conta Wolle, que, até aquele momento, desconhecia a dimensão dos arquivos do serviço secreto da RDA.

### **Um novo capítulo**

Desde os dias da revolução pacífica que pôs fim à RDA, Wolle escreveu outros livros e se tornou uma das principais autoridades no tema. Sua trajetória o levou ao Museu da DDR. “O foco do museu não é a história em sua estrutura cronológica, mas sim o cotidiano e a vida normal das pessoas na RDA”, explica, acrescentando que, em 2016, com os dez anos do museu, uma nova exposição será inaugurada. Quando a entrevista foi feita, a nova exposição ainda estava em fase de planejamento.

A memória da DDR, seu lado bom e seu lado ruim, é o “pão de cada dia” de Wolle no museu. “Temos muitas discussões com os visitantes, com cientistas e jornalistas, e ainda não estou 100% certo da melhor maneira de lembrar (a RDA)”, diz. Pergunto a ele que papel o Museu da DDR desempenharia na memória da Alemanha Oriental.

“Há muitas possibilidades”, responde. “Você pode fazer um documentário, um programa de TV ou rádio, você pode escrever um livro... eu, por exemplo, escrevi 20 livros sobre esse assunto. Um museu é um caso à parte. É a maneira mais complicada, o meio mais complicado para a memória, para a cultura e para se pensar a História. Um museu precisa ser interessante para todos os públicos, de todas as gerações e idades. Para crianças, para estudantes. Este é o primeiro problema”.

Wolle continua. “O outro problema é o que museu precisa ser interessante tanto para quem viveu na RDA quanto para quem nasceu e cresceu na Alemanha Ocidental, mas também para pessoas de todas as partes do mundo, pois recebemos visitantes de todo o planeta”. Segundo o site da instituição, 43% dos visitantes são cidadãos da antiga Alemanha Ocidental, e 27% vêm de diferentes partes da Europa. Os cidadãos da antiga RDA são 23% de todos os visitantes.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> O site da BStU traz mais detalhes sobre o trabalho de reconstrução dos arquivos. Disponível em <[http://www.bstu.bund.de/EN/Archives/ReconstructionOfShreddedRecords/inhalt.html;jsessionid=D9C62648E47BD0F27DD82A64F8219A52.2\\_cid354](http://www.bstu.bund.de/EN/Archives/ReconstructionOfShreddedRecords/inhalt.html;jsessionid=D9C62648E47BD0F27DD82A64F8219A52.2_cid354)>.

<sup>15</sup> Estatísticas de 2013. Disponível em <<http://www.ddr-museum.de/en/media/statistics>>.

“Há ainda um terceiro problema, o maior deles”, Wolle explica. “Mostramos, no museu, uma ditadura, um Estado com repressão política, com prisões políticas... *o Estado na Alemanha Oriental era como uma grande prisão*”.

Ele elabora. “Não era possível viajar para outros países (fora do bloco comunista), com exceção de um pequeno grupo de pessoas, como empresários, atletas. Um cidadão normal não podia viajar. Era uma ditadura. Mas este é um lado da Alemanha Oriental. O outro lado – e este é o problema – é que a memória da Alemanha Oriental não é totalmente ruim. E no museu, é um grande problema mostrar o dia a dia em um Estado desse tipo. Este é o nosso foco”.

Wolle cita algumas das razões pelas quais, ainda hoje, há pessoas saudosistas em relação à RDA. “Era um Estado onde, por exemplo, havia empregos. Todos tinham o direito a um emprego na RDA. O desemprego não existia. Havia uma forte seguridade social no país – havia vagas em creches para todas as crianças. Depois da *Wende*, da revolução, isso mudou. Com a unificação, veio o desemprego, a diminuição da seguridade social. E a diferença entre Leste e Oeste era muito grande. Daí veio uma grande onda de *Ostalgie*. Muitas pessoas começaram a pensar, ‘OK, não tínhamos liberdade, mas tínhamos seguridade social’”.<sup>16</sup>

Segundo Wolle, nos anos após a unificação, esse foi o maior problema enfrentado na nova Alemanha. “Foi um confronto de diferentes memórias (sobre a RDA). Especialmente para as pessoas mais velhas, ou de meia idade, não foi tão fácil, após a reunificação, encontrar um novo trabalho e um novo modo de vida. Frequentemente, a opinião dessas pessoas era, ‘minha vida, minha biografia não tem mais valor. Eu estudei, trabalhei, tenho um título acadêmico, e agora chegou um novo tempo no qual eu não tenho nada’”.

Wolle cita o exemplo de pessoas que haviam servido no Exército ou na polícia da RDA. “Isso não era mais nada (na Alemanha unificada). Principalmente os funcionários da Stasi, funcionários do partido... Para essas pessoas, foi muito difícil”.

---

<sup>16</sup> Anna Funder contesta, em “*Stasiland*”, a visão corrente de que não havia desemprego na RDA, ao relatar a história da senhoria do apartamento onde morou no Leste de Berlim no início dos anos 1990. Ver também o capítulo 3 desta dissertação.

A experiência pessoal de Wolle na Alemanha Oriental foi um caso à parte, como ele mesmo faz questão de frisar. “Minha vida, por outro lado, foi completamente diferente. Na minha concepção, eu era livre. Eu tinha um bom emprego, um bom salário, filhos e esposa. Eu era feliz nessa época. Isso é difícil de mostrar no museu”, afirma.

### **Casa de bonecas**

Encontrar o equilíbrio entre as lembranças positivas e negativas da RDA é o maior desafio do museu. “Nós exibimos brinquedos, por exemplo. Ursinhos de pelúcia, fantoches etc. E os visitantes dizem ‘que ursinho bonitinho, eu tinha um igual na minha infância. Era um tempo feliz, eu era criança, eu era feliz porque meus pais me davam presentes no Natal’. É uma lembrança bonita, positiva. Então, o sistema político, a repressão política e a (falta de) liberdade não eram importantes para uma criança, não eram reais. Essa pessoa se lembra do ursinho, e não do sistema político”, explica, citando uma das faces da *Ostalgie*.

Com a conversa seguindo o caminho das lembranças da “boa e velha RDA”, pergunto a Wolle se ele está familiarizado com o fato de que o Brasil viveu uma ditadura no passado recente. Ele afirma que sim. Comento que há pessoas que, ainda hoje, dizem que o período “não foi tão ruim”, ou outras que vão às ruas pedir a volta do regime, e que, tal como na Alemanha, há quem coloque suas experiências pessoais à frente da experiência coletiva de uma ditadura.

Admito que pergunto a mim mesma, sabendo o quão repressor e violento o regime foi no Brasil e também na Alemanha, como reagiria se tivesse vivido a ditadura na RDA. Também não me importaria com questões que fugissem da minha esfera pessoal? Viveria minha vida normalmente? Lutaria pela liberdade?

Seria esse um sentimento universal – o conflito entre lembrar de coisas “boas” e também, ao mesmo tempo, das ruins? Com isso em mente, pergunto se, por esse motivo, é importante que um museu como o da DDR exista por ainda muitas décadas – para que as pessoas possam ver não apenas um lado do regime, nostálgico, *ostálgico*, mas também seu lado repressor. Qual seria, ainda, o papel educacional desempenhado por livros e filmes sobre a RDA?

“Eu acho importante discutir a História, o que pode ser aprendido com ela. É difícil dizer. Sou cético, mas espero que não seja impossível que possamos aprender. Minha experiência pessoal é que a democracia é importante. *Você não pode construir um paraíso contrariando a maioria das pessoas.* (Mas) não tenho muita certeza do que podemos aprender”, admite.

Wolle entende como o resgate dessa memória é especialmente crucial para a nova geração. “A memória é importante para a educação. O interesse dos jovens é alto. Temos um grande público de jovens no museu, que vêm das escolas, das universidades, ou que vêm com suas famílias. Muito frequentemente, temos discussões com as diferentes gerações – crianças, pais, avós”. As estatísticas sobre o perfil dos visitantes do museu confirmam: jovens até 22 anos de idade compõem 55% do público.<sup>17</sup>

“Claro que algumas pessoas apenas têm curiosidade sobre como era a vida 30, 40 anos atrás. Era um outro mundo. Era um mundo sem smartphones, sem internet, sem computadores. Mas também existe um perigo. O perigo de mostrar um mundo bom, um mundo de brinquedo, uma casa de bonecas”, alerta.

Wolle parece temer a trivialização de uma realidade dura e complexa, um perigo muito real em Berlim, onde é possível encontrar lojas de souvenir vendendo supostos pedaços do Muro e onde homens fantasiados de policiais da RDA carimbam passaportes de turistas no Checkpoint Charlie.<sup>18</sup> A figura dos *Ampelmännchen* pode ser encontrada em toalhas de banho, borrachas, balas e até guarda-chuvas. A antiga torre de TV de Berlim Oriental (*Fernsehturm*) é um dos principais pontos turísticos e cartões postais da cidade, e produtos *Ossi*,<sup>19</sup> como cervejas e cigarros, voltaram às prateleiras no que poderia ser considerado um golpe de marketing saudosista.

---

<sup>17</sup> Estatísticas de 2013. Disponível em <<http://www.ddr-museum.de/en/media/statistics>>.

<sup>18</sup> Checkpoint Charlie, mais famoso posto de fronteira entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental, localizado no antigo setor americano da cidade. Hoje é um dos pontos turísticos de maior interesse em Berlim.

<sup>19</sup> Termo derivado de *Ost* (Oeste), utilizado para se referir, pejorativamente, à procedência alemã-oriental.

Pergunto a Wolle, então, como ele gostaria que a RDA fosse lembrada, tendo sido um cidadão do país. “Eu espero mostrar um mundo real, com todos os aspectos da vida. Isso é difícil, porque cada pessoa teve uma experiência diferente. Por exemplo: no museu, mostramos o Muro, as mortes provocadas pelo Muro, mostramos uma prisão e uma sala de interrogatórios da Stasi, e mostramos também uma sala de estar normal, com uma TV. Cada instalação representa um problema, pois não é possível encontrar uma maneira universal de mostrar a vida real na RDA”.

### **Uma piada amarga**

Em meio a tantas memórias conflitantes e aparentemente inconciliáveis, pergunto a Wolle se, de tudo o que foi descartado desde o fim da Alemanha Oriental, haveria algo da RDA que deveria ter sido mantido e se tornado parte da nova Alemanha unificada.

“É difícil. Acho que nada. O sistema político era equivocado, o sistema de seguridade social foi um erro, pois não era possível ser mantido. (Era) um ‘paraíso’ social sem liberdade política. O Estado não tinha dinheiro para manter todos os benefícios sociais. Era um problema real. Foi um dos motivos para a catástrofe econômica da Alemanha Oriental”, afirma.

A crítica de Wolle vai ainda mais fundo. “Era um sistema econômico louco. Tudo estava nas mãos do Estado. Todas as propriedades, todas as fábricas... Era uma economia plana. Era uma piada. Uma piada amarga”.

Pergunto como ele se sente sobre a *Ostalgie*, principalmente entre os jovens alemães. “A onda de *Ostalgie* está acabando, na minha opinião. É um problema de uma geração anterior, mas para a nova geração isso é passado”.

Para Wolle, os traços de uma divisão são difíceis de encontrar na Berlim dos dias atuais. “Berlim é uma cidade unida. Você não consegue ver as diferenças entre Leste e Oeste aqui. É tudo a mesma coisa. É uma capital unida, com os mesmos problemas”, diz, fazendo uma ressalva com relação ao país. “Temos problemas econômicos específicos no Leste da Alemanha, como maior desemprego e salários

menores, e alemães do Leste migram para o Oeste, especialmente jovens com qualificação, que vão para lá em busca de emprego”.

Um efeito nocivo da unificação das duas Alemanhas – mais precisamente de como a unificação foi conduzida em termos econômicos – foi a disparada do desemprego nos estados da antiga RDA. Nos anos seguintes a 1989, a produtividade industrial do Leste caiu, empresas e fábricas foram fechadas e a demanda por produtos da RDA despencou (com a determinação da paridade cambial entre as moedas dos dois países, alemães orientais invadiram as lojas do lado ocidental e passaram a dar preferência ao consumo de produtos do Oeste).<sup>20</sup>

Wolle olha à sua volta. Estamos no Mitte, uma região que pertencia à Berlim Oriental antes da queda do Muro. Ao nosso redor, estão a famosa Ilha de Museus, a lendária Catedral de Berlim e, mais adiante, está sendo reconstruído o mítico Palácio da Cidade, que, durante o regime socialista, deu lugar ao Palácio da República, uma gigantesca construção retangular de arquitetura soviética, derrubada em 2007 sob a justificativa de estar contaminada com amianto.

“Berlim é uma cidade muito dinâmica. E estamos bem aqui, na convergência de vários museus e perto do novo Palácio da Cidade. Aqui é um ponto central da História alemã. É um bom lugar para um museu”, diz, satisfeito. O senso da realidade, porém, não fica longe. “Mas temos muitos problemas econômicos, que temo que ainda existirão por um bom tempo, por 20, 50 anos. Não sei. A Alemanha, tradicionalmente, se divide em um Leste rural e um Sul e um Centro industriais. Temo que esta diferença entre Leste e Oeste, que é histórica, se mantenha por um longo tempo”, conclui.

Agradeço a Wolle pelo tempo, pelas palavras e pela sabedoria. Wolle é gentil e paga pelo meu suco de maçã. Ele me deseja sorte na minha pesquisa. Digo que meu tema é complicado, pois estudo Berlim e a Alemanha à distância, e que precisava ir até a cidade para conversar com pessoas e aprofundar minha pesquisa. Berlim é um lugar

---

<sup>20</sup> Michael C. Burda e Jennifer Hunt traçam o cenário econômico da Alemanha pós-unificação em seu artigo *From Reunification to Economic Integration: Productivity and the Labor Market in Eastern Germany* (BURDA, HUNT, 2001).

fascinante para mim, e creio que há muito a ser estudado sobre a Alemanha em termos históricos.

Comento sobre a minha visita ao Museu da DDR em outra viagem e sobre como passei duas horas totalmente imersa no museu (que é relativamente pequeno). Aprecio o fato de que a exposição se esforça para mostrar vários aspectos da Alemanha Oriental, dos mais banais e cotidianos aos mais dramáticos. Em outros museus que já visitei na Alemanha, normalmente são mostrados apenas dois lados da RDA – o lado *Ostalgie* e o lado Stasi. O Museu da DDR é diferente por proporcionar uma experiência mais realista.

Despeço-me de Wolle e olho à minha volta. É um belo dia de outono, mas ainda com as cores e a temperatura do verão. Berlim parece mais alegre, mais turística do que de costume. Saio com a impressão de que estou no caminho certo, de que as respostas eventualmente serão encontradas.

Era apenas o começo da minha jornada. No dia seguinte, 3 de outubro, viveria a experiência única de estar em Berlim durante uma celebração importante para o povo e para o país. Sei que a data não tem a mesma carga do 9 de novembro, o dia mais simbólico e dramático de toda a história da unificação, mas acredito que será uma experiência marcante para mim. Olhando em retrospecto, vejo que talvez minhas expectativas tenham ido muito longe, mas só me daria conta disso depois.



## CAPÍTULO II – “Não era só o ‘Estado da Stasi’”

Dois aviões e um trem internacional depois, chego a Berlim no dia 25 de setembro, após quase 24 horas viajando sem pausa. Sou recepcionada por dois amigos. Bianca é uma professora de inglês brasileira que mora na Irlanda, e Peter, engenheiro berlinense, morou no Rio por alguns anos e fala português de modo fluente. Ele nos recebe em sua casa por alguns dias, antes que Bianca retorne à Dublin e eu continue minha jornada em Berlim por outras paragens.

Peter mora em um apartamento pequeno, porém aconchegante, em Gesundbrunnen, bairro ainda não totalmente afetado pela gentrificação que alterou irreversivelmente outro local bem próximo, o famoso Prenzlauer Berg, antigo reduto boêmio de Berlim Oriental e hoje um dos endereços mais caros da cidade.

Peter sabe que estou pesquisando a memória da RDA e parece interessado no assunto – talvez por ter nascido no país e passado boa parte de sua vida na antiga Berlim Oriental, onde sua mãe vive até hoje, no bairro de Hohenschönhausen. Em outra de minhas idas à Alemanha, no início de 2015, tivemos uma conversa bastante esclarecedora sobre *Ostalgie* e o despojo da história alemã-oriental. Agora, por causa dele, terei contato com outro lado da vida dos alemães comuns – tudo por conta de uma simples visita a uma casa de campo.

Acordamos em um domingo de manhã em cima da hora para pegar um trem até Königs Wusterhausen, localidade ao sudeste de Berlim com ares de cidade pequena que me lembraram, guardadas as devidas diferenças, o interior de Minas Gerais – isto é, se o interior de Minas tivesse *Autobahnen*.<sup>21</sup>

A viagem é rápida, porém sonolenta, pois saímos sem tomar café da manhã. Ao chegarmos à estação de trem, somos recepcionados por Christiane, mãe de Peter. Christiane é uma mulher de meia-idade de ar dócil e maternal. Extremamente simpática e calorosa, ela me cumprimenta com dois beijinhos no rosto, o que me

---

<sup>21</sup> Sistema de autoestradas que recortam toda a Alemanha, somando 11 mil quilômetros de rodovias, onde os limites de velocidade podem chegar a 130km/h.

surpreende, pois já me habituei a cumprimentar todos os europeus que encontro, mulheres ou homens, com um aperto de mão ou um aceno de cabeça.

Christiane parece muito animada em nos encontrar. Ela nos leva até seu carro e partimos em direção à sua casa, nos arredores de Königs Wusterhausen. A estrada até lá é o que se espera de um lugarejo no interior. Pastos se revezam com fileiras de árvores, formando uma paisagem idílica e extremamente relaxante. A tranquilidade só é quebrada, em alguns momentos, pela velocidade com que trafegamos na estrada.

No carro, ensaiamos uma conversa. Em muitos momentos, Peter precisa fazer as vezes de tradutor, já que o inglês de Christiane não é fluente. Ela e Bianca já se conhecem há alguns anos e se tratam com uma intimidade familiar. Eu passo a maior parte do tempo tentando me distrair da fome crescente e observando a paisagem interiorana, tão diferente de Berlim.

Finalmente chegamos à casa de Christiane, em uma rua com uma fileira de outras propriedades bem parecidas, igualmente bem cuidadas. Deixamos nossos pertences dentro da casa e Christiane nos guia em um passeio por sua horta. Fico maravilhada. Para uma carioca que cresceu passando férias no interior de Minas Gerais, estar perto da natureza, mesmo que em um pequeno quintal, sempre proporciona um prazer quase infantil.

A horta de Christiane é um pequeno paraíso carregado de frutas, que podemos comer direto do pé. Provo framboesas e morangos tão doces, como eu nunca havia comido antes. Há maçãs e outras frutas e plantas, mas muitas ainda não estão suficientemente maduras para serem colhidas. Sabendo que ainda estamos em jejum, Christiane nos prepara um café forte. Aproveitamos o momento para conversar e eu presto atenção ao cheiro e aos sons ao redor. Estou no meu elemento, mesmo estando a quase 40 quilômetros de distância de Berlim.

Depois do café, vamos até a casa dos avós de Peter, alguns metros adiante. Um pouco maior do que a de Christiane, a propriedade dos Förster, um casal de 83 anos, revela um grande quintal, um pouco mais organizado e com mais culturas, que eles nos mostram com satisfação indisfarçável. Um pomar era todo dedicado a especiarias e

ervas. Dali, colho uma folha de hortelã, esfrego-a entre meus dedos e sinto seu cheiro refrescante.

A avó de Peter, Gisela, entende um pouco de inglês. Já o avô, Eberhard, não fala a língua, mas isso não impede que ele converse comigo e com Bianca, tanto por gestos quanto por meio dos préstimos de Peter como intérprete. Consigo entender o que ele fala em alemão em alguns momentos, como quando ele me mostra, com orgulho, brinquedos de madeira que construiu para sua neta. Em outros, preciso da ajuda de Peter – como quando Eberhard aponta para os meus sapatos e os de Bianca e faz menção a um dito popular que afirma ser possível saber que alguém veio de longe pela aparência de seus calçados.

Despedimo-nos dos Förster e voltamos à casa de Christiane, onde ela nos serve um almoço de sopa de beterraba e panquecas com purê de maçã. A sopa é tão aromática, e seu tempero tão suave, que levo bastante tempo comendo-a, prolongando cada sorvida. As panquecas surpreendem positivamente meu paladar – nunca havia comido um prato principal que fosse totalmente doce antes.

A acolhida de Christiane me deixa, ao mesmo tempo, feliz e comovida. Não esperava ser tão bem recebida por alguém que eu nunca tinha visto antes, mas acredito que o fato de estar lá com seu filho e uma grande amiga dele era credencial suficiente para que ela e os Förster me tratassem com carinho.

Terminamos de almoçar e Peter nos leva para um breve passeio por um idílico bosque nas redondezas. Vejo cogumelos vermelhos, daqueles que se vê em contos de fadas e sabe-se serem venenosos, e sinto-me em um outro universo. A minifloresta é silenciosa, cheia de troncos caídos pelo caminho, coníferas e sons de pássaros que não se aproximam de nós. Bem ao fundo, é possível escutar o burburinho de carros voando pela *Autobahn*, lembrando-me que não estou tão longe assim do caos urbano.

Caminhando pela mata, respiro o ar puro e úmido e agradeço ao universo por esse contato com a natureza. É uma experiência tão diferente de tudo o que já vivi nos anos em que tenho visitado a Europa, e quero absorver cada segundo com intensidade.

Por isso, resolvi não levar meu celular, para não ceder à tentação de querer tirar fotos e perder a oportunidade de estar ali, e somente ali, naquele momento.

Consigo encontrar uma minúscula pinha em perfeito estado, que resolvo levar comigo. Mais à frente, na saída do bosque, vejo uma pequena plantação de lavanda e colho um ramo, antes de tomarmos o caminho de volta à casa de Christiane.

Peter me explica que propriedades como as de sua mãe e seus avós são parte de uma cultura maior de incentivo governamental ao retorno dos cidadãos urbanos ao campo. Os *Schrebergärten* são loteamentos rurais em áreas suburbanas onde os alemães mantêm culturas e jardins perfeitamente aparados, e onde são construídos chalés e pequenas residências que podem fazer as vezes de casa de veraneio, apesar da legislação que orienta o direito ao uso da terra nos *Schrebergärten* especificamente proibir o uso das casas para fins residenciais. São espaços disputados e, em sua maioria, alugados, e podem ser encontrados também na Áustria e na Suíça.<sup>22</sup>

A colônia de *Schrebergärten* em Königs Wusterhausen nasceu entre os anos de 1987 e 1989, fundada por uma associação de jardineiros e criadores de animais de pequeno porte, e era a maior área ocupada por loteamentos do tipo na Alemanha Oriental. Atualmente, é um idílico refúgio campestre a uma hora do constante agito cosmopolita de Berlim.<sup>23</sup>

Voltamos à casa de Christiane, onde ela se preparava para nos servir um café da tarde. Os avós de Peter se juntam a nós, e iniciamos uma longa e divertida conversa, que acabou nos levando ao assunto DDR. Pergunto o que achavam do regime. A avó de Peter diz que gostava da segurança e do emprego pleno, mas que não gostaria que o regime voltasse. Hoje, diz ela, há liberdade para ir e vir, o que não existia na RDA, mas ela, na idade em que estava, não podia usufruir dessa liberdade tanto quanto os jovens, como seu neto, por exemplo.

Diante do relato espontâneo, peço à Peter que transmita à Gisela meu pedido de permissão para usar seu depoimento em minha pesquisa. Gisela, em um primeiro

---

<sup>22</sup> Spiegel Online. Rent-a-Plot: Germany's Garden Ghettos (2006).

<sup>23</sup> Stadt Königs Wusterhausen. Königs Wusterhausen: Die schönsten Seiten (2014).

momento, estranha o pedido e afirma que não vê relevância em sua opinião. Respondo – sempre com o auxílio de Peter, que traduz do português para o alemão e vice-versa – que estou justamente buscando a opinião de pessoas comuns que vivenciaram o regime. Com isto, ela concorda em ceder seu depoimento.

Eberhard faz poucas observações, mas é dele que partem as palavras que ficam comigo por horas, dias, meses após minha visita a Königs Wusterhausen. Até aquele momento apenas acompanhando a conversa, e talvez temendo que o assunto possa tomar um rumo desabonador para seu antigo país, Eberhard afirma que “a DDR não era só o ‘Estado da Stasi’”. Ele e Gisela fazem questão de lembrar que a maior parte dos relatos sobre a Alemanha Oriental concentra-se apenas no aspecto repressor do regime e pouco diz sobre questões que eles consideram positivas em relação ao país.

Gisela acredita que, na Alemanha Oriental, havia uma ênfase maior em disciplina e educação. Ela admite, porém, não acreditar que o estado de segurança social da RDA teria sobrevivido por muito mais tempo. Para ela, os crescentes gastos governamentais com as Forças Armadas limitariam a verba destinada a benefícios concedidos à população.

De fato, os custos de “segurança nacional” e vigilância na DDR andavam lado a lado com os investimentos em políticas sociais, tornando o país um “Estado repressor de bem-estar social”. Além disso, uma primazia da política sobre a economia colocava o governo alemão-oriental na desconfortável posição de acreditar que era possível controlar a sociedade e os rumos econômicos do país, orientando ambos para um caminho alinhado com o propósito de fazer da RDA uma nação competitiva no cenário internacional e, ao mesmo tempo, largamente indulgente na distribuição de benefícios.<sup>24</sup>

Christiane lembra que, na RDA, mulheres podiam tirar um ano de licença maternidade, recebendo integralmente seus salários durante o período. Na Alemanha unificada, ela afirma, o benefício é apenas parcial. Imagino que isto teria afetado consideravelmente a família de Peter. Sua mãe, uma cientista da computação ainda

---

<sup>24</sup> SCHMIDT, 2013.

em atividade, teve seus dois filhos na primeira metade da década de 1980, e certamente pôde aproveitar os extensos benefícios que a Alemanha Oriental concedia a mulheres atuantes no mercado de trabalho – além da já mencionada licença-maternidade de um ano, o Governo oferecia creches subsidiadas, e as mulheres podiam se ausentar do trabalho para cuidar de seus filhos doentes, além de terem o emprego protegido pelo Estado.<sup>25</sup>

Nossa conversa continua por detalhes menos relevantes sobre a RDA, até que os avós de Peter se despedem de nós e retornam à sua casa. Agradeço sua paciência e o depoimento e sigo em frente, agora somente com Christiane respondendo aos meus questionamentos sobre a Alemanha Oriental.

Pergunto se ela vê alguma diferença em seu bairro desde a unificação. Inicialmente, ela diz não perceber grandes alterações, mas depois cita a sensação de que, atualmente, o local é menos seguro do que na época da RDA, e conta que seu carro havia sido arrombado recentemente – o que, segundo ela, jamais aconteceria na Alemanha Oriental. Na DDR, acreditava-se que a violência, não partindo das mazelas do capitalismo (conforme pregava Marx) já superadas pelo regime, só poderia surgir de falhas do âmbito privado, o que levava a um intenso controle da esfera particular que incluía “tribunais sociais” que atuavam nas comunidades como um braço civil da vigilância estatal.<sup>26</sup>

Christiane faz questão de recordar que, na Alemanha Oriental, era possível encontrar vários estabelecimentos comerciais e serviços de utilidade pública, como hospitais, creches, escolas etc. em uma mesma vizinhança, e isso havia mudado desde a unificação. Segundo ela, lojas que existiam na DDR não existem na Alemanha atual. O comentário de Christiane me remete ao modo como a *Ostalgie* se manifesta, entre diversas formas, por meio do consumo, e como parte considerável da identidade alemã-oriental formulada após a unificação se baseia em elementos culturais e materiais específicos da DDR que perderam lugar na nova Alemanha.

---

<sup>25</sup> Manfred G. Schmidt faz uma descrição longa e detalhada do Estado de bem-estar social da RDA no estudo “Social Policy in the German Democratic Republic” (SCHMIDT, RITTER, 2013).

<sup>26</sup> BETTS, 2010, p. 180.

Concluímos a conversa e a visita, e Christiane nos leva de volta à estação de trem de Königs Wusterhausen. Agradeço imensamente sua recepção tão cuidadosa e a oportunidade de olhar, ainda que apenas por uma tarde, através de uma janela cuja vista me mostrou um lado diferente da vida dos alemães, e de poder conversar de modo aberto com três gerações de uma família que vivenciou a DDR e se dispôs a me fornecer um relato pessoal esclarecedor.

A lembrança da Alemanha Oriental continua controversa, e nem todos os alemães orientais experimentaram o regime da mesma maneira; portanto, o relato dos Förster apenas confirma para mim o quão infrutífero seria buscar conclusões consensuais sobre o que seria a memória da RDA.

Voltamos para Berlim de barriga cheia e eu, com muitas reflexões. Ainda tenho o restante de minha jornada pela frente, e não tenho certeza se encontrarei todas as respostas que procuro. A ida a Königs Wusterhausen trouxe novas nuances à minha pesquisa e, de quebra, me propiciou uma experiência intimista que acrescentou novas camadas ao meu entendimento sobre os alemães. Ainda há muito a ver e conhecer neste país, mas já posso dizer que conheci um pouco da vida rural alemã, ainda que tenha sido nos limites idílicos e suburbanos de um *Schrebergarten*.

### **CAPÍTULO III – Foi tudo esquecido?\***

Pego um bonde M5 na Alexanderplatz decidida a finalmente visitar o antigo complexo prisional de Hohenschönhausen, hoje um memorial dedicado à lembrança das vítimas da perseguição política empreendida pela Stasi. O prospecto de passear por uma prisão não é muito animador. Não seria minha primeira visita a um antigo presídio, mas era a primeira vez que iria em um contexto de pesquisa, com um interesse além da curiosidade histórica.

A região de Hohenschönhausen se tornou, entre 1945 e o início de 1949, uma área militar restrita ocupada pela URSS. O bairro, que até então concentrava fábricas e campos de trabalhos forçados utilizados pelos nazistas, se tornaria uma fortaleza soviética onde civis não podiam entrar, com acessos a ruas fechados e serviços de transporte público suspensos, para que a área não tivesse qualquer comunicação com o mundo exterior.

No verão europeu de 1951, o presídio que já existia na área se tornou o centro de custódia do recém-criado Ministério de Segurança de Estado, que existiu até outubro de 1990, quando seu último prisioneiro – ironicamente, Erich Mielke – foi transferido para o Complexo Correcional no bairro de Moabit, em Berlim Ocidental. Hoje, as instalações da prisão se tornaram um memorial que reconta a tragédia dos prisioneiros políticos da DDR.<sup>27</sup>

Chego à Hohenschönhausen a tempo de fazer o passeio guiado da tarde. Eu e um grande grupo de turistas estrangeiros somos guiados até uma sala, onde assistimos a um minidocumentário sobre a história do complexo prisional. Quando o filme acaba, somos levados a um pátio externo, onde Rachel, nossa guia americana que se mudou para a Alemanha para fazer um mestrado em História, nos aguarda.

---

\*Do alemão *Alles schon vergessen?*, parte do título de uma compilação de pequenos documentários sobre vítimas do regime comunista na Alemanha Oriental. Um DVD com a seleção de 12 histórias está à venda na loja do memorial de Hohenschönhausen.

<sup>27</sup> Toda a história de Hohenschönhausen, de seu passado nazista até a dissolução da GDR, está no livro “The Prohibited District: The Stasi Restricted Area Berlin-Hohenschönhausen”, de Peter Erler e Hubertus Knabe, atual diretor científico do Memorial de Hohenschönhausen. Todas as referências ao histórico do presídio neste trabalho vêm dessa obra.



Minha decepção é palpável. Em meus contatos com a direção do memorial antes de minha ida à Berlim, fui informada que poderia ter a sorte de ser guiada em meu passeio por um ex-prisioneiro. Contava com isso até o último minuto, quando percebi que nossa guia seria uma jovem que aparentava ter menos de 30 anos e certamente não havia conhecido em primeira mão os efeitos nefastos da atuação da Stasi. Decidida a não fazer disso um problema, presto atenção redobrada a todas as explicações que Rachel dá sobre o funcionamento da prisão e os métodos de tortura psicológica empregados pela Stasi.

A cada palavra dita e a cada cômodo visitado, minha decepção inicial vai dando lugar à confiança. Rachel claramente conhece a história de Hohenschönhausen e cada detalhe macabro do que aconteceu naquele complexo, e consegue transmitir as informações com segurança e intensidade, com uma paixão que orienta sua narrativa para torna-la uma experiência quase sensorial. Em alguns momentos, consigo sentir a tensão profunda que as celas e salas de interrogatório emanam.

Rachel não poupa os ouvintes dos detalhes mais pesados e dolorosos. Ela descreve como os prisioneiros das celas subterrâneas eram submetidos ao frio e à umidade intensos, o que levava muitos a adoecerem, e como os oficiais do presídio utilizavam uma cela ao ar livre, com uma grade fazendo as vezes de teto (o que permitia que tanto neve quanto sol atingissem quem estivesse na “jaula”), para amedrontar prisioneiros e fazê-los acreditar que poderiam ser executados a qualquer momento – o que, imagino, serviria para arrancar qualquer tipo de confissão ou para quebrar os últimos vestígios de resistência ou dignidade de quem ali fosse confinado.

O passeio por Hohenschönhausen é longo e nos leva por todos os cantos mais sombrios do presídio – incluindo uma solitária em formato cilíndrico, sem cantos, forrada do chão ao teto com isolamento em espuma preta e sem contato com o mundo exterior. Quando o tour chega ao fim, sinto-me aliviada, mas lembro-me de aproveitar a oportunidade para conversar com Rachel. Ainda tenho esperança de que conseguirei conversar com um ex-prisioneiro, e falar com ela parece ser a minha melhor chance.

Meu palpite é certo. Rachel é totalmente receptiva e me dá várias sugestões. No meio da conversa, ela lembra que um dos ex-prisioneiros que está fazendo visitas

hoje, Gerd Zimmermann, fala inglês fluentemente. Gerd, atualmente um bem-sucedido produtor de TV que se divide entre Los Angeles e Berlim, trabalha parte do tempo liderando grupos de passeios guiados por Hohenschönhausen.

Antes que eu possa perguntar, Rachel se oferece para procura Gerd e apresenta-lo a mim. Pessoas como ela fizeram toda a diferença durante minha estada na cidade. Sem elas, penso que não teria chegado muito longe com minha pesquisa.

Enquanto aguardo Rachel retornar, dentro da loja do memorial, passo os olhos pela coleção de livros à venda. Vejo alguns títulos conhecidos, a maioria em edições em alemão. Quando estava quase perdendo a esperança de encontrar algo que pudesse ser útil ao meu projeto, vejo a capa de um DVD com o título “*40 Jahre DDR – Alles schon vergessen?*”, ou “40 anos de DDR. Foi tudo esquecido?”. A palavra “esquecido” me lembra esquecimento, que me lembra memória. Viro a caixa do DVD para encontrar os créditos, torcendo para que haja legendas em inglês. Embaixo da palavra *untertitel* (legenda, em alemão), vejo uma bandeira do Reino Unido. Bingo!

Rachel volta com uma boa notícia. Gerd está em Hohenschönhausen, terminando uma visita. Ele poderá falar comigo em alguns minutos. Após uma curta espera, surge um senhor de meia idade, estatura mediana, surpreendentemente sorridente e com ar leve. Rachel nos apresenta e se despede.

Gerd e eu nos sentamos no café da loja do memorial. Explico o que me levou a Berlim e pergunto se ele pode me contar um pouco de sua história como ex-prisioneiro da Stasi. Ele diz que sim.

Tirei a sorte grande, mais uma vez.

“Eu vivo parte do tempo nos Estados Unidos, onde há uma grande população judaica”, começa, espontaneamente. “Os judeus nos EUA, e de um modo geral, estão muito interessados em manter viva a memória do Holocausto. Eu entendo isso perfeitamente; porém, penso que a história do comunismo é quase tão ruim quanto (a do Holocausto). Os comunistas não colocaram judeus em câmaras de gás, mas quanto ao resto... eles fizeram praticamente a mesma coisa”.

Apesar de minhas reservas pessoais a comparações com o Holocausto, aprecio a franqueza do discurso de Gerd, calcado em sua vivência como vítima do regime comunista.

“No nazismo, havia a Juventude Hitlerista – no comunismo, havia os Jovens Pioneiros; no primeiro, havia o Partido Nazista (NASP), e o comunismo tinha o SED, que era o Partido Comunista (da DDR). Novamente, eles não cometeram crimes horríveis contra os judeus, mas, a não ser por isso, (o regime) foi quase uma cópia carbono do que os nazistas fizeram. A Alemanha Oriental realmente saiu de uma ditadura e foi para outra”.

Deixo Gerd falar sem interrupções durante a maior parte de nossa entrevista. Seu inglês é impecável, e ele fala com a segurança e consistência de quem já reexaminou muitas vezes a própria história.

“(Na DDR) tínhamos que estudar sobre marxismo e leninismo na escola. Hitler tinha o “*Mein Kampf*”, e nós tínhamos o “Manifesto Comunista”. E o “Manifesto Comunista” – não quero dizer que Karl Marx tinha a intenção de matar 100 milhões de pessoas, mas aquela teoria foi utilizada para justificar a morte de 100 milhões de pessoas. Para mim, nada justifica matar 100 milhões de pessoas. Então, você pode escrever o livro que quiser, mas nada justifica esse horror”.

“Eu acredito que isso (o horror do comunismo) precisa ser mantido vivo. Não só os nazistas foram terríveis para a Alemanha, mas os comunistas foram terríveis para a Alemanha também, e não devemos esquecer disso nunca”.

Este ponto do depoimento de Gerd me faz pensar em todas as vítimas de perseguição política da DDR que não puderam buscar reparação pelos danos causados pela Stasi, seja porque não sobreviveram, seja porque, em meados dos anos 1990, o sistema judiciário da República Federal da Alemanha foi declarado inapto para julgar crimes cometidos pelo serviço secreto da Alemanha Oriental.<sup>28</sup> Coincidência ou não, este é o

---

<sup>28</sup> The New York Times. Top German Court Virtually Absolves Eastern Spymasters (1995).

tema de boa parte dos minidocumentários no DVD que encontrei na loja do memorial – pessoas em busca de justiça e do não-esquecimento do passado.

“Eu posso soar inocente, mas nunca vou deixar de ter a esperança de que podemos aprender com a História. Provavelmente, não podemos, porque a humanidade sempre repete seus erros, mas pelo menos nós temos, lá no fundo de nossas mentes, a memória daquele horror. Então, se os virmos ressurgindo aos poucos, se um novo Hitler ou um novo Erich Honecker surgirem e nos prometerem o paraíso na Terra, eu vou pensar ‘isto soa muito familiar, e nunca acaba bem, então, não devemos votar naquele cara’. Se eu puder fazer com que as pessoas pensem um pouco mais, e lembrem mais da História quando forem tomar decisões, então acreditarei que fiz algo que vale a pena, e é por isso que faço o que estou fazendo”.<sup>29</sup>

Reviver o horror de Hohenschönhausen várias vezes por semana, dezenas de vezes durante o ano, não deve ser fácil, mas Gerd parece movido por uma determinação feroz de não permitir o ocaso da memória.

“As pessoas me perguntam: ‘como você consegue falar sobre o que aconteceu? Não te traz de volta memórias ruins?’. Sim e não. A minha abordagem, de um modo geral, e a razão pela qual eu não tenho problema nenhum em fazer o que faço, é que eu me considero o vencedor. Durante as minhas visitas, eu me sento atrás da mesa dos interrogadores e penso: ‘Aquele babaca já era. Eu ainda estou aqui. Quem venceu?’”.

Gerd ri.

“Ele é passado”, eu respondo.

“Sim. Eu venci”.

Peço a Gerd que me fale sobre sua experiência pessoal em Hohenschönhausen, mas o deixo à vontade para decidir se quer ou não dar o seu relato.

---

<sup>29</sup> Erich Honecker, escolhido pelo SED para supervisionar a construção do Muro de Berlim em 1961, eventualmente se tornou secretário-geral do partido e governou a Alemanha Oriental de 1971 até 1989.

“Há um livro que foi publicado há pouco tempo, chamado “*Nur raus hier!*”, ou “Vamos sair daqui!””, responde. “Ele conta a história de 10 ou 12 pessoas, e eu sou uma delas. O livro está em alemão, porém, como eu vivo parte do tempo nos EUA e os meus amigos ficaram muito interessados, traduzi meu depoimento para o inglês. São 10 páginas, mas elas contam toda a minha história”.

Algumas semanas após nossa conversa, Gerd me enviou, por e-mail, o relato de sua passagem por Hohenschönhausen. Nele, explica sua trajetória de vida até se tornar um inimigo do Estado, graças a uma tentativa de fuga da DDR durante uma viagem à Bulgária. Em nossa entrevista, porém, ele prefere falar sobre o que não está escrito no depoimento, mas que não deixa de dar uma dimensão do absurdo de ser um preso político em um sistema no qual pouca coisa passava impune.

“Vou te contar o caso clássico de um sujeito que estava na mesma cela que eu, o Bernd. Bernd não tinha absolutamente nenhum envolvimento com política. Ele era um nerd e tinha cara de nerd. Era professor e tinha cara de professor. Ele nunca se envolveu com política”, explica Gerd, enfático. “Na época em que Aleksandr Solzhenitsyn escreveu “Arquipélago Gulag”, um livro muito famoso sobre o *Gulag* na Sibéria, a história não foi lançada nem na Rússia, nem na Alemanha Oriental, mas foi publicada no Ocidente”.

Imagino as razões pelas quais Bernd pode ter sido preso. Será que ele foi pego lendo ou comprando “Arquipélago Gulag”, ou presenteou algum *Inoffizielle Mitarbeiter*<sup>30</sup> com o livro?

“Quando foi lançado, uma emissora de rádio de Berlim Ocidental transmitiu leituras do livro à noite. Bernd vivia em Berlim Oriental e gravou todas as transmissões. Daí ele fez algo que eu teria muita preguiça de fazer. Ele transcreveu todas as gravações, uma a uma”.

Começo a temer por Bernd, e eu nem o conheço.

---

<sup>30</sup> Assim eram chamados os informantes não-oficiais da Stasi, cidadãos comuns que denunciavam colegas de trabalho, vizinhos e até familiares e cônjuges à polícia política da DDR.

“Pois bem. Ele era um nerd que nunca conseguia pegar mulheres. Tinha uma garota por quem ele estava muito interessado, mas ela não dava a mínima para ele. Ele tentou impressioná-la e a apresentou com as transcrições do livro”.

Só alguém muito inocente poderia acreditar que esse seria um bom presente na DDR, penso comigo mesma.

“Basicamente, ele só queria dormir com a garota. Ela, claro, não tinha nenhum interesse por ele, e já tinha um namorado, que viu as transcrições e perguntou de onde aquilo tinha vindo. Ela disse que um “idiota” tinha lhe dado as transcrições como um presente porque queria algo com ela. O namorado resolveu procurar a Stasi e denunciar Bernd. Sabe quanto tempo de prisão ele pegou por isso? *Cinco anos*. Consideraram a atitude dele como sendo “propaganda anticomunista””.

Imagino que nunca mais uma cantada equivocada tenha custado tão caro a Bernd.

“Ele foi acusado de ter cometido um crime. Ele era apolítico, só queria impressionar a garota. Mas isso rendeu a ele cinco anos de prisão. Ele era meu companheiro de cela e não fazia ideia de como havia ido parar lá. Era isso que acontecia na Alemanha Oriental”.

O que Gerd descreve a seguir mostra que, na maior parte das vezes, a realidade na Alemanha Oriental não devia nada à ficção.

“Na minha cela também havia pessoas condenadas a três, quatro anos de prisão por escapar da DDR, mas elas nunca haviam escapado. Lembro-me bem de um deles, um médico. Ele estava almoçando em casa um dia quando a campainha tocou. Ele foi atender e encontrou três agentes da Stasi, que disseram que ele estava preso por tentativa de fuga do país. Ele perguntou: “Do que vocês estão falando? Eu estou almoçando, não fugindo”. Os agentes responderam: ‘Bem, hoje você pode estar almoçando, mas amanhã, ao meio-dia, você poderá estar na esquina da Friedrichstrasse com a Unter den Linden e encontrar-se com Wolfgang Müller, que estará numa Mercedes Benz placa XYZ310, e ele dará umas voltas e tentará sair do país com você. Não tente negar. *Nós sabemos*””.

E eles certamente sabiam. Recordo-me de uma visita, em 2014, ao Museu Runden Ecke, em Leipzig, localizado no prédio da antiga sede da Stasi na cidade. Em uma das alas do pequeno museu – que manteve a estrutura original do prédio, inclusive suas celas e salas de interrogatório – vi uma prateleira com meia dúzia de potes de vidro com pequenos panos amarelos dentro, bem preservados apesar do tempo pelo qual aparentemente estavam ali. Aproximei-me da prateleira para ler a descrição, apesar de já saber do que se tratava.

No tocante filme “A Vida dos Outros”, de Florian Henckel von Donnersmarck, que retrata, por assim dizer, a ascensão e queda de um oficial da Stasi (e como sua trajetória impacta a vida de um diretor de teatro), uma das primeiras cenas mostra o momento em que o oficial retira o tecido do assento da cadeira onde sentava um suspeito que ele interrogou por horas em Hohenschönhausen. O tecido, ele explica a uma turma de alunos da academia criada pela Stasi em Potsdam para treinar e desenvolver agentes, guarda o odor do suspeito, uma preciosa informação que pode guiar buscas com cães farejadores.

Os panos que vi no Runden Ecke eram amostras de odor de pessoas que, como Gerd algum dia, ou Bernd, ou o médico acusado de tentar fugir da DDR, foram incansável e implacavelmente interrogadas em salas como as que eu visitei em Hohenschönhausen.

Segundo Gerd, o médico recebeu a mesma sentença que receberia se tivesse de fato tentado fugir da Alemanha Oriental – quatro anos de prisão. “Isso mostra o quão competente era a Stasi”, continua. “Eles se infiltravam e descobriam tantas coisas sobre você. Eles sabiam mais sobre você do que você mesmo”.

Comento com Gerd que fui à Berlim em busca de respostas, mas acredito que elas não existam para os horrores empreendidos pela Stasi.

“A resposta é a seguinte. Bem no começo, eu acredito que a Stasi e o regime realmente queriam implementar o comunismo porque talvez acreditassem que esse era o melhor formato para a sociedade. Porém, eles se desviaram completamente, perderam de vista o que poderia ter sido bom em relação ao comunismo e

transformaram o sistema em uma ditadura terrível. E foi isso que o regime foi: uma ditadura”, diz, enfático.

“Apesar de o “Manifesto Comunista” de Marx afirmar que o sistema seria liderado pelo proletariado, na Alemanha Oriental o regime estava longe de ser isso. Ele era liderado por um punhado de comunistas horríveis que basicamente utilizaram o sistema como uma desculpa para ficar no poder. E toda vez que o comunismo foi, digamos, infligido à humanidade, ele se tornou uma ditadura. Foi uma ditadura sob Stalin, foi uma ditadura sob Mao Tsé-Tung, foi uma ditadura sob Honecker... e ainda é uma ditadura na China, mesmo com uma economia de mercado bem-sucedida. Se alguém protestar, os tanques são colocados nas ruas. Na minha opinião, nos devem uma prova de que o comunismo pode ser bom para a humanidade. Não que o que temos hoje seja perfeito – há muitas coisas erradas – mas o comunismo também não é a resposta”.

Pergunto a Gerd o que ele pensa sobre a onda de valorização de aspectos materiais da DDR, sobre *Ostalgie* e filmes e obras de ficção que romantizam a Alemanha Oriental.

“Romantizar a DDR é uma idiotice. Não há nada a ser romantizado”.

E sobre quem só vê o “lado bom” do regime?

“Bom, a DDR só foi boa para os estúpidos”, diz, com honestidade brutal.

“Falando de modo bem geral, eu diria que havia três grupos de pessoas na Alemanha Oriental. Um terço talvez fosse comunista e realmente estava tentando construir o comunismo na DDR. Havia um segundo grupo que era anticomunista, do qual eu e outros fazíamos parte, e havia um terceiro grupo, talvez o maior de todos, que vivia bem”.

Ele continua sua análise. “O que eu quero dizer com isso é que aquela sociedade foi construída para que as pessoas não pensassem. Se você não se importasse com nada e só quisesse um emprego, e um apartamento com aluguel barato – ninguém na Alemanha Oriental passava fome, tínhamos o que comer... era assim que o governo



queria que o povo fosse. Não queriam que as pessoas pensassem. Então, se você não se importasse com nada, não tivesse ambições, só quisesse ficar na sua e ter comida na mesa, um apartamento barato e um emprego, você teria tudo isso. Para as pessoas simples, era OK. Porque era um regime que não honrava ambições – era melhor não ter ambição nenhuma, viver sua vidinha de merda e não pensar em nada, e assim você se daria bem. *São essas pessoas que olham para o passado e acham que não foi tão ruim, que agora acham que têm que lutar mais, de uma hora para outra*”.

A julgar por dados do próprio governo, os alemães orientais teriam motivos para o ressentimento. Em 2014, a taxa de desemprego nos estados da antiga DDR estava em 9,8%, enquanto no Oeste apenas 5,9% da população ativa estava desempregada.<sup>31</sup>

“Oficialmente, na Alemanha Oriental, não havia desemprego, mas não havia tanto trabalho a ser feito. Eu conheço pessoas que chegavam no emprego às 8 da manhã e não faziam nada, pois não havia nada com o quê trabalhar. Como um funcionário de uma fábrica que trabalhava moldando aço, mas não havia aço (na fábrica) pela semana toda, pois sempre havia algo em falta. Então, os funcionários ficavam sem fazer nada por uma semana (risos). Eles tinham um emprego e, quando de repente tudo isso acabou e eles passaram a ter que lutar por seus empregos – porque agora, com o capitalismo, se não há trabalho você é demitido –, as pessoas ficaram chocadas, porque no comunismo elas não eram demitidas. ‘Agora, de uma hora para outra, temos que trabalhar?’ (risos). Então... são essas pessoas que lamentam que esse tempo tenha acabado”.

Imagino que a afirmação “no comunismo elas não eram demitidas” só seja válida para os que se conformavam com o sistema. Em alguns capítulos de *Stasiland*, Anna Funder conta a história de Julia Behrend, senhoria do apartamento onde Funder viveu em Berlim nos anos 1990, período em que se passa o livro. A autora relata uma ocasião em que Behrend, considerada pessoa suspeita pela Stasi e, por isso, recusada por todas as empresas onde buscou emprego, ouviu a seguinte diatribe de uma funcionária do governo:

---

<sup>31</sup> Informações da Secretaria de Estatísticas Federais do governo alemão (*Statistische Ämter Des Bundes Und Der Länder*), disponíveis no site da instituição (em alemão).

Julia foi à Secretaria de Emprego, pegou uma senha e ficou em uma fila interminável. (...) Ela virou-se para o homem atrás dela e perguntou: ‘Há quanto tempo você está desempregado?’

Antes que ele pudesse responder, uma funcionária de uniforme, uma mulher de formato quadrado, saiu detrás de uma coluna.

‘Senhorita, você não está desempregada’, respondeu em tom agressivo.

‘Claro que estou desempregada’, disse Julia. ‘Se não estivesse, porque estaria aqui?’

‘Esta é a Secretaria de Emprego, não a Secretaria de Desemprego. Você não está desempregada, você está buscando emprego. (...) *Não* existe desemprego na República Democrática Alemã!’

A esta altura de nossa conversa, percebo que Gerd está disposto a encerrar a entrevista. Imagino que seja cansativo guiar grupos de 15, 20 pessoas por um complexo prisional do tamanho de Hohenschönhausen (o memorial ocupa metade de um quarteirão) por quase duas horas, e resolvo concluir lembrando a Gerd o porquê de estar em Berlim naquele momento. Desejo capturar o *zeitgeist* dos 25 anos da unificação, e pergunto se ele está satisfeito com a maneira pela qual esse período é lembrado e com a atenção dada à DDR. Essa parte da história alemã não é lembrada o suficiente?

“Não, acho que está bom assim. A única coisa sobre a qual posso dizer que não estou feliz é que ninguém foi punido. Foi quase o mesmo que aconteceu com o nazismo quando aquela época chegou ao fim. De uma hora para outra, ninguém mais era nazista. As pessoas diziam ‘eu não era nazista!’ (risos). Então, cadê os nazistas? Mas, pelo menos, alguns deles foram punidos. Tivemos o famoso julgamento de Nuremberg, e algumas pessoas foram enforcadas, mas, com a Alemanha Oriental, isso nunca aconteceu”.

Nos anos que sucederam a unificação, milhares de ex-funcionários da Stasi, de todos os escalões, além de agentes públicos envolvidos com o regime, foram a julgamento. Porém, com a decisão da Corte alemã de não julgar os crimes cometidos na Alemanha Oriental, todos os processos foram suspensos em 1995.

“Na DDR, ninguém teve que pagar pelas coisas terríveis que fizeram. Ninguém da Stasi foi para a cadeia. Os únicos que foram a julgamento foram os guardas de

fronteira que efetivamente mataram pessoas. Eles foram condenados, mas pegaram três anos de prisão com liberdade condicional. Eles nem tiveram que ir para a cadeia, só pegaram três anos de liberdade condicional. Por que a liberdade condicional? Para que eles não atirassem em mais pessoas? Eles não podiam mais atirar em ninguém, pois não havia mais fronteira. Por quê?”.

A pergunta de Gerd deve ser a mesma de outras vítimas. Ele mesmo foi condenado a quase três anos de prisão, todos cumpridos em regime fechado.

“O chefe da Stasi, Erich Mielke”, continua, “foi preso aqui (em Hohenschönhausen) e escreveu um protesto contra as condições na prisão – de sua própria prisão. E esses idiotas pediram desculpas e o transferiram para Berlim Ocidental. Eu teria deixado ele morrer aqui. Mas ninguém teve que pagar pelo que fez. Ninguém. Honecker teve câncer e deixaram-no sair do país. Ele foi para o Chile. A esposa dele ainda vive lá. Ninguém teve que pagar pelo que fez. Isto não está certo. Porque... quem cometeu todo esse terror? Onde estão essas pessoas? E por que eles nunca foram punidos? E não digo que deveríamos fazer isso pelos próximos 100 anos, mas todo mundo escapou ileso. ‘Não fui eu’. Não está certo”.<sup>32</sup>

Agradeço a Gerd pelo tempo precioso que ele me deu. Ao me despedir, peço a ele que continue seu importante trabalho como guia em Hohenschönhausen. Entrego a ele meus contatos e deixo o memorial para trás, feliz por ter conhecido Gerd e por ser apenas uma visitante naquele lugar horrível.

Ainda assim, sinto o peso da visita. Prisões têm um tipo de energia difícil de descrever – quem já visitou a Kilmainham Gaol, em Dublin, onde os revolucionários que lutaram pela independência da Irlanda em 1916 foram presos, torturados e mortos, sabe que a atmosfera guarda muito da dor, do sofrimento e dos horrores que as paredes do lugar testemunharam. Em Hohenschönhausen não é diferente. Em cada cela, em cada sala de interrogatório, em cada solitária e em cada corredor, é possível

---

<sup>32</sup> Margot Honecker, esposa de Erich Honecker, morreu no dia 6 de maio de 2016, sete meses depois da entrevista com Gerd. Sobre ela, Hubertus Knabe comentou: “Ela nunca refletiu criticamente sobre o que fez (durante o regime). Até sua morte, ela foi uma mulher teimosa e desagradável”. (Reuters. East Germany's 'Purple Witch' Margot Honecker dies in Chile aged 89 [2016]).

sentir os fantasmas que assombram o local. Quase dá para ouvir os gritos, os lamentos, o choro de quem por ali passou (ou ali morreu).

Durante a visita, tentei recriar em minha mente a história de quem passou por ali. Tentei imaginar quem estava em cada uma das celas. Quem eram as pessoas trazidas à força, vendadas e confinadas em pequenos caminhões, sem saber para onde estavam sendo levadas, nem o porquê? O que passaria pela mente de cada uma delas? Novamente me pergunto se, fosse eu uma cidadã da Alemanha Oriental, não seria mais um número na estatística daquela prisão. Eu teria sido presa? Teria sido torturada? Teria sido morta? Ou teria tido a “sorte” de Gerd, que resistiu tempo suficiente para vim, ver e vencer?

Ainda bem que eu não preciso responder a essas questões. Seria perturbador demais ter alguma resposta.

## **CAPÍTULO IV – Testando Berlim**

Existe um ditado na língua inglesa que diz: “the proof of the pudding is in the eating”, que pode ser traduzido para o português como “a prova (ou o teste) do pudim está no ato de comê-lo”. Figurativamente, o que o ditado quer dizer é que o sucesso ou fracasso de um empreendimento só pode ser comprovado pela experiência (ou, de acordo com a definição enfática do dicionário Cambridge, “só é possível julgar a qualidade de alguma coisa depois de testá-la, usá-la e experimentá-la”).

O sucesso ou fracasso de minha empreitada berlinense morava no fato de eu ser capaz de vivenciar a cidade e o momento histórico que aconteceria no dia 3 de outubro de 2015 com atenção, diligência e, ao mesmo tempo, uma certa dose de abandono (mesmo que eu nunca fosse totalmente capaz de esquecer que estava lá para fazer uma pesquisa acadêmica, afinal). Porém, o sentimento que mais me perseguiu foi o de não estar de fato aproveitando meu tempo na cidade, acompanhado da sensação assustadora de que Berlim não tinha as respostas que eu procurava, por mais que eu as procurasse em todos os cantos.

A cada entrevista, a cada visita a museus e memoriais, a cada dia passado na cidade tentando vivenciá-la da maneira mais local e cotidiana possível, minha confusão aumentava. Eu sempre fui à Berlim em busca de um *zeitgeist* perdido, mas só me dei conta disso de verdade em 3 de outubro de 2015, quando fui ao Portal de Brandemburgo em busca de algo que não encontrei.

### **Outra Berlim**

Após entrevistar *Herr Wolle* na véspera do aniversário de 25 anos da unificação alemã, lanço-me pelas ruas do Mitte em compasso de ansiosa espera. A Berlim de outubro de 2015 não é a mesma que eu visitei em abril de 2012 e 2014, constato. Há mais imigrantes. Há mais turistas. Eu também não sou a mesma pessoa que foi à cidade nas outras duas vezes, mas continuo procurando uma aura que Berlim parece ter perdido há algum tempo.

A Berlim da primeira metade dos anos 1990 era uma tela em branco. O lado leste da cidade, recém-descoberto pelos alemães ocidentais e pelo restante do mundo

capitalista, virou uma espécie de Shangri-La de artistas e tipos criativos das mais diversas estradas e expressões. Como afirmou Markus Heckhausen, o designer responsável pelo ressurgimento triunfal dos *Ampelmännchen*, que se mudou para a porção oriental do Mitte em 1995:

Enquanto todas as outras áreas da sociedade estavam enfrentando complicados desafios diários, a cena artística e cultural alternativa florescia. Especialmente em Berlim Oriental, era possível se estabelecer sem impedimentos burocráticos e regulações governamentais. Berlim Oriental era vazia, livre de anúncios e cartazes, uma página em branco esperando para ser rescrita. (Claudia Kühn, *Ampelmann, From Traffic Signal to Cultural Icon.*)

Era essa Berlim que habitava meu imaginário desde que testemunhei pela TV, a quilômetros de distância, a queda do Muro e a unificação das duas Alemanhas. Em documentários e reportagens, a cidade se delineava como um paraíso criativo, onde liberdade era uma palavra de ordem e a euforia pós-unificação ainda não havia dado lugar ao desencanto. Era essa Berlim que eu sonhava conhecer. Talvez eu tenha chegado um pouco tarde.

### **Um dia qualquer**

Apesar do estranhamento por essa Berlim tão cosmopolita, tão turística, acordo no dia 3 de outubro com a animação de uma criança que espera a noite de Natal. Saio no fim da manhã de Kreuzkölln,<sup>33</sup> onde estou hospedada, em direção à Alexanderplatz. De lá, caminho até a Unter den Linden e desço a avenida lentamente em direção ao Portal de Brandemburgo, aproveitando o convite a longas caminhadas de um típico dia de outono em Berlim.

Finalmente chego ao local da festa. Toda a Pariser Platz, em frente ao Portal, estava fechada ao público por um cordão de segurança e tomada de geradores e apetrechos de apoio aos festejos de rua. Viro à esquerda na Wilhelmstrasse, passando pelo imponente e cênico Hotel Adlon, e depois à direita na Behrenstrasse, até chegar à Ebertstrasse, rua que margeia o lado leste do Tiergarten, parque urbano mais popular da cidade. O palco da comemoração é a Strasse des 17. Juni, gigantesca avenida que corta a cidade de oeste a leste e atravessa toda a extensão do Tiergarten. É ali que os

---

<sup>33</sup> Pequeno distrito informal entre os bairros de Kreuzberg e Neukölln, no lado ocidental da cidade.

berlinenses se juntam para grandes celebrações e eventos, como a Copa do Mundo de 2006, as festas de Ano Novo e os aniversários da queda do Muro de Berlim.

Em um palco montado atrás do Portal, uma mestre de cerimônias chama celebridades locais para curtas entrevistas. Um telão passa vídeos de momentos marcantes da história alemã recente, mas minha atenção está voltada para o que acontece na rua. Duas fileiras de quiosques margeiam ambos os lados da Strasse des 17. Juni, e pessoas circulam às centenas, conversando, tirando *selfies*, bebendo cerveja e, eventualmente, olhando em direção ao telão e ao palco.

Todo o cenário me remete a um festival gastronômico de rua, com um quase insignificante espaço destinado ao verdadeiro motivo da comemoração em forma de tapumes envolvendo o palco com os dizeres *Fest zum Tag der Deutschen Einheit* (Festa pelo Dia da Unificação Alemã). Qualquer desavisado que chegasse ao Tiergarten por outros caminhos e não soubesse o significado do dia 3 de outubro não poderia ser criticado se confundisse os festejos com uma versão berlinense de uma festa junina brasileira, com direito a uma placa comemorativa da maior marca de refrigerantes do mundo e uma roda gigante que parecia bastante disputada.

Continuo caminhando ao longo da Strasse des 17. Juni tentando captar a energia emanada ao meu redor. A rua está bastante cheia, mas é possível andar com pouca dificuldade. Curiosa, me aproximo de alguns dos quiosques de comidas e bebidas. Os preços são exorbitantes, em nada parecidos com o que seria considerado normal em Berlim. Neste momento, eu realmente me sinto como se estivesse no Brasil.

Apesar do clima guardar pouca semelhança com um importante feriado de unificação nacional, eu me sinto feliz e grata. Afinal, este era o sonho da Juliana de 8 anos de idade, encantada em frente à televisão assistindo à euforia dos berlinenses enquanto eles marretavam o Muro, ou a Juliana de 9 anos que assistiu à festa da unificação em 1990. Aos 34, eu tinha chegado mais longe do que poderia imaginar, mesmo tendo levado quase três décadas para estar lá.

Consigo ver que há alegria genuína nas pessoas que estão na rua. Porém, à medida que caminho e me afasto da multidão, começo a questionar a razão de todos estarem

ali. Seria apenas uma oportunidade de festejar e tomar as ruas do centro da cidade, ou havia um desejo genuíno de celebrar o segundo marco mais importante da história recente do país? Consciente de que não tinha o direito nem a capacidade de fazer tal inferência e conseguir boas respostas – afinal, eu precisaria entrevistar todas as milhares de pessoas que passaram pela Strasse des 17. Juni naquele dia para ter uma conclusão concreta e satisfatória –, me afasto ainda mais da celebração e me perco dentro do Tiergarten, até não conseguir mais escutar os sons vindos do palco no Portal de Brandemburgo.

Quando consigo o silêncio (o que não é nada difícil em Berlim, aliás), vejo pessoas aproveitando um sábado normal, correndo pelo parque, andando de bicicleta ou tirando fotos em frente ao Palácio Bellevue, residência oficial do presidente alemão. Resolvo transformar aquela tarde de sábado em uma comemoração própria, uma exploração de pedaços de Berlim que eu ainda não havia conhecido ou aos quais queria retornar. Vou até o Jardim Inglês, sento-me em um banco comendo uma maçã e observo turistas entrando e saindo da casa de chá, o que empresta um certo glamour “pé no chão” a um dia que, naquele lugar, parece ser como outro qualquer.

Dali, como estou muito perto da Altonaer Strasse, decido caminhar até o Hansaviertel, pequena área dentro da região do Tiergarten completamente destruída durante a Segunda Guerra Mundial. Reconstruído entre 1957 e 1961 graças a um projeto que nasceu de uma feira arquitetônica – a *Interbau* – e reuniu os principais nomes da arquitetura modernista da época, como Walter Gropius, Alvar Aalto, Le Corbusier e Oscar Niemeyer, entre outros,<sup>34</sup> o Hansaviertel se tornou uma pequena coleção de joias arquitetônicas modernas escondida em uma das margens do rio Spree.

Acabo me dando conta de que não só já estou muito longe da comemoração do 3 de outubro, como estou muito perto do coração do Oeste de Berlim, o bairro de Charlottenburg. Apesar do status *cult* instantâneo conferido após a unificação a bairros do Leste como Prenzlauer Berg e Friedrichshain ou à porção oriental do Mitte, Charlottenburg ainda é uma das áreas mais charmosas e ricas de Berlim. É ali que

---

<sup>34</sup> DW.com. *Interbau: The Modernization of Germany* (2007).



ficam dois importantes marcos históricos e turísticos da cidade, a Kurfürstendamm e a Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche.

A Kurfürstendamm, também conhecida como Ku'Damm, longa e larga avenida que parece uma versão berlinense da Champs-Élysées por conta da concentração de lojas de grifes internacionais, é uma lembrança viva dos tempos pré-Primeira Guerra Mundial, quando a área era um reduto boêmio dominado por casas noturnas e cafés.<sup>35</sup> Boa parte do comércio de rua no local pertencia a judeus, o que selou o destino da avenida, alvo de deportações em massa durante a Segunda Guerra e cenário de um dos eventos mais aterrorizantes do fim da década de 1930, a Kristallnacht,<sup>36</sup> ou Noite dos Vidros Quebrados, que, coincidentemente, começou em 9 de novembro de 1938, mesmo dia em que, 51 anos depois, os berlinenses promoveriam um outro tipo de destruição, desta vez libertadora.

Já a Kaiser-Wilhelm-Gedächtniskirche (em português, Igreja Memorial do Imperador Guilherme) é um monumento que remete à Alemanha prussiana, unificada graças aos esforços políticos (e bélicos) de Otto von Bismarck, primeiro chanceler do país. Sua construção começou em 1891, um ano após o imperador Guilherme II, que idealizou a igreja como uma homenagem a seu avô, Guilherme I, destituir Bismarck do poder. Destruída por bombardeios em 1943 e 1945, da igreja original restaram apenas a entrada e a torre. Chamada pelos berlinenses de “*der hohle Zahn*”, ou “dente oco”, a Gedächtniskirche ganhou um moderno anexo, construído entre 1959 e 1961, e hoje é também um memorial de guerra e reconciliação.<sup>37</sup>

De Charlottenburg, onde não se vê sinal de que aquele sábado era o 3 de outubro, a não ser pelas lojas fechadas, sigo a pé até o bairro vizinho de Schöneberg, onde pego o metrô em direção a Kreuzberg. Sem o objetivo de me prender muito tempo em qualquer atração específica, me permito perder-me por algumas ruas até, sem querer, parar em frente a um dos primeiros prédios que vi em minha ida à cidade em 2012: a sede do SPD, o Partido Social-Democrata Alemão, facilmente reconhecível por um grande cubo com a sigla do partido em frente à sua fachada.

---

<sup>35</sup> The Economist. Berlin's boulevard of dreams (2011).

<sup>36</sup> The Telegraph. German mobs' vengeance on Jews - Nov 11, 1938 (2008).

<sup>37</sup> Informações do site oficial da igreja.

Dali, sigo por mais algumas ruas e becos até chegar ao Museu Judaico de Berlim. Paro por alguns instantes em frente a um monumento do outro lado da rua, na Academia do museu, onde se lê, em quatro idiomas (alemão, hebraico, inglês e árabe), a frase “ouça a verdade, quem quer que a esteja falando” (*“Höre die Wahrheit, wer sie auch spricht”*).

No jornalismo, prega-se que devemos ouvir pelo menos três versões de um mesmo fato para nos aproximarmos da “verdade”, qualquer que seja ela. Em minha pesquisa, ouvir a verdade de cada pessoa que entrevistei ou com quem conversei casualmente sobre o assunto Alemanha Oriental foi crucial para, de um lado, buscar uma compreensão mais holística da memória do país e, de outro, distanciar-me ainda mais de uma versão absoluta, sem controvérsias, totalmente consensual da história da DDR.

Depois desse passeio sem rumo definido, decido voltar ao palco da festa da unificação. Já é noite e as ruas nos arredores do Portal de Brandemburgo estão lotadas de gente. Chego mais perto do bloqueio de segurança formado nos pontos de entrada da celebração, mas ouço de um policial muito solícito que ninguém mais pode entrar – o local está muito cheio e há o risco de superlotação. Nobre preocupação, penso. Resolvo, então, caminhar por ruas próximas até voltar para alguma estação de metrô que me leve de volta à Alexanderplatz, de onde ainda preciso pegar outra linha em direção à Kreuzkölln.

Meu dia 3 de outubro foi vivenciado de um modo inesperado, que contrariou minhas expectativas – que, provavelmente, estavam mal dimensionadas. Confirmei que qualquer tentativa de buscar uma resposta única para a complexa história alemã recente e para a memória da DDR seria uma tarefa não só ingrata, mas também estúpida. A Alemanha tem muitas nuances, e Berlim, palco de alguns dos principais acontecimentos do século XX, é uma cidade com muitas narrativas, um lugar que não é desvendado em apenas uma visita, ou mesmo em três.

### **Cotidianos unificados**

Passo o restante dos meus dias procurando mais respostas e encontrando ainda mais questões. Visito outros museus e memoriais e vou a regiões até então desconhecidas

para mim na cidade. Fortuitamente, estava em Berlim na mesma época em que uma exposição comemorativa dos 25 anos da unificação, *Alltag Einheit*, acontecia no Museu Histórico Alemão. Marco uma visita guiada em inglês e, ao chegar ao museu, encontro a guia, a simpática Sonja, e percebo que serei a única participante. Tanto melhor, penso; afinal, tenho várias perguntas a fazer.

A proposta da exposição é inovadora, simples, porém brilhante – mostrar como foi a unificação no dia a dia dos alemães, passando por aspectos aparentemente triviais, como diferenças no idioma, até questões mais controversas, como o desmonte da estrutura produtiva da Alemanha Oriental e as revelações sobre quem eram alguns dos espiões da Stasi – o que incluía nomes de personalidades da política e das artes do país. O acervo, exposto em um espaço de 450m<sup>2</sup>, provém, em boa parte, de coleções pessoais.<sup>38</sup>

Não era permitido tirar fotos no museu, então faço várias anotações. Um dado curioso mostrado na exposição: cada Alemanha tinha seu próprio dicionário Duden, uma espécie de Aurélio alemão, com o vocabulário específico dos dois países. As diferenças idiomáticas eram consideráveis, a ponto de, quando foi decidido que seria criada uma versão unificada do Duden, várias palavras do léxico alemão-oriental ficarem fora do novo dicionário, porque só faziam sentido no contexto do regime político do país.

Mais à frente, outra informação interessante: dois terços dos alemães orientais tiveram seu status profissional alterado por conta da unificação. Isto pode ter acelerado – junto com o descarte da cultura material da DDR – o surgimento de uma noção de que havia, afinal, aspectos positivos no antigo país, e de um sentimento nostálgico que originou a onda de *Ostalgie*, que se manifestou com força já no final da década de 1990.

A exposição dá bastante espaço às modificações na vida doméstica dos alemães orientais pós-unificação. As transformações do mercado consumidor de um sistema socialista, onde havia poucas opções de produtos, para a cornucópia material do

---

<sup>38</sup> RBB Online. Die Bilder von kurz danach (2015).

capitalismo são mostradas em detalhes, tais como as prioridades de consumo dos ex-cidadãos da DDR pós-1990: visitar a RFA e comprar um carro alemão-ocidental, além de móveis.

Diferenças no sistema educacional também são mostradas. Em fotos, é possível conhecer um dos métodos de socialização empreendido na DDR: crianças no jardim de infância eram treinadas para aprender a fazer suas necessidades em “troninhos” coletivos, dispostos lado a lado e embutidos em bancos de madeira. Seria um treinamento para a vida adulta vigiada que teriam na Alemanha Oriental? Decido que é melhor não julgar.

A visita guiada termina e me despeço de Sonja, a quem agradeço pela disposição e paciência em responder às minhas perguntas. Fico mais uma hora dentro da sala da exposição refazendo meus passos e tentando absorver e reunir todas as informações dentro de uma narrativa sequencial, que termina ainda na primeira metade dos anos 1990 com algum resquício de esperança de uma unificação harmoniosa, simbolizada pela foto de três meninos sorridentes segurando uma bandeira da República Federal da Alemanha.

### **Sobrevivendo a um amor fatal<sup>39</sup>**

Alguns dias após a visita à *Alltag Einheit*, tomo o rumo do Museu da Stasi, em Lichtenberg. O bairro é cortado por uma avenida de proporções soviéticas, herança dos tempos socialistas, e quase em frente ao complexo do museu fica um imenso exemplar de *Plattenbau*. Os *Plattenbauten* são gigantescos blocos de prédios típicos da Alemanha Oriental, grandes conjuntos construídos para solucionar gargalos habitacionais do país, e que ainda podem ser encontrados espalhados por todo lado Leste da cidade.

Ocupando um prédio das instalações do antigo QG do serviço de inteligência da DDR, o museu manteve ambientes inteiros quase intactos, incluindo o imponente e

---

<sup>39</sup> Referência ao mural “*Mein Gott, hilf mir, diese tödliche Liebe zu überleben*”, ou “Meu Deus, me ajude a sobreviver a esse amor fatal”, de Dmitri Vrubel, que fica na East Side Gallery, maior galeria a céu aberto do mundo que reúne uma coleção de murais pintados sobre uma faixa preservada de 1,3km do Muro de Berlim. O mural em questão é a recriação de uma foto em que Leonid Brejnev e Erich Honecker se beijam em comemoração aos 30 anos da DDR.

exageradamente grande escritório do chefe da Stasi, Erich Mielke, o homem mais temido pelos alemães orientais.

A exposição é bastante focada na relação simbiótica entre URSS e DDR, com a primeira exercendo um papel quase paternal sobre a segunda. Em alguns momentos da visita, fico com a impressão de que a Alemanha Oriental era uma espécie de mascote da União Soviética, um exemplo de país obediente aos ditames da superpotência socialista e, ao mesmo tempo, disposto a encarar o ingrato desafio de se contrapor à sua outra metade a Oeste e posicionar-se como alternativa viável, até mesmo desejável, ao capitalismo alemão-ocidental.

Um dos méritos do museu é a dedicação a destrinchar, em detalhes, o funcionamento da máquina de espionagem e perseguição política da Stasi. Ao longo dos corredores e andares, é possível conhecer os equipamentos empregados, os disfarces utilizados pelos agentes, os métodos adotados e as vítimas escolhidas, além do amplo alcance de infiltração do serviço secreto na sociedade alemã oriental e também na RFA. A exposição também dá nome e rosto a vários agentes e colaboradores e mostra motivos e caminhos que os levaram a trabalhar para a Stasi.

Um desses colaboradores era Frank Tröger. Aos 22 anos, no final dos anos 1970, ele foi abordado pela Stasi enquanto servia uma pena de 10 meses por “conduta hostil”. Tröger era músico e conseguia ganhar dinheiro suficiente com a profissão, mas foi impedido de continuar tocando, pois o Estado negou a ele uma autorização necessária para seguir sua carreira legalmente. Além disso, sofria de uma doença crônica e, para pressioná-lo a aceitar o convite para se tornar um IM, a Stasi ameaçou privá-lo dos medicamentos de que precisava. Tröger cedeu e acabou se tornando um informante prolífico, que submeteu vários relatórios e espalhou, de maneira bem-sucedida, rumores em meio à cena cultural formada por opositores ao regime.

Em uma sala, pequenas caixas em uma das paredes explicam o significado de nada menos que 17 siglas utilizadas para denominar os espiões da Stasi. Em outro ambiente, é possível ver um gráfico em barras que mostra o aumento significativo no número de agentes e informantes a partir da década de 1970, quando a Stasi resolve mudar o foco de sua tática de ações repressivas violentas para um trabalho mais sutil

de inteligência e intimidação, na esperança de que a Alemanha Oriental deixasse de ser vista tanto interna quanto externamente como uma nação que suprimia liberdades de modo truculento.

Mais adiante, uma tela explica como funcionava o lucrativo negócio de troca de prisioneiros com a Alemanha Ocidental, pelo qual a DDR “vendia” cidadãos considerados inimigos do Estado em troca de marcos alemães. O texto da exposição descreve o processo como “comércio de pessoas como commodities”. Entre 1963 e 1989, a RFA pagou 3,5 bilhões de marcos alemães (o equivalente a quase 1,8 bilhão de euros) pela libertação de quase 34 mil prisioneiros.

Essa foi apenas uma das maneiras encontradas pela Alemanha Oriental para obter dinheiro. Em uma dissertação apresentada à academia da Stasi em Potsdam, o vice-ministro de Comércio Exterior da RDA, Alexander Schalck-Golodkowski, descreve modos legais e ilegais de obter a moeda da Alemanha Ocidental para impulsionar a economia de seu país.

Continuando meu tour, me deparo com uma excrescência que me remete a uma ala do Museu da DDR, que conheci em minha visita em 2014, dedicada aos luxos do alto escalão do SED. Um enorme espaço que fazia as vezes de sala de conferência e cassino dentro da sede da Stasi, não muito longe do escritório de Mielke, ainda guarda uma atmosfera levemente sórdida, com seu ar de clube exclusivo onde somente homens entravam – afinal, eles dominavam o comando da Stasi. É quase possível sentir o cheiro de uísque, charutos e decadência por aqui.

Minha jornada museu adentro chega até os momentos derradeiros da Stasi, quando seus QGs espalhados pela RDA são invadidos por cidadãos que finalmente puderam conhecer toda a extensão do controle e da vigilância do aparato montado pelo governo do país para espiar, intimidar, perseguir e criminalizar seus cidadãos.

O nível de detalhe da exposição chega a ser exaustivo, mas é importante para entender os meandros pelos quais o regime se impunha e dominava cada esfera da vida pública – e, em alguns casos, particular – da vida dos alemães orientais.

## **Berlim dá a outra face**

Saio do museu com um misto confuso de sentimentos. O local é pesado, cinza, como espera-se de um resquício oficial da DDR, e me remete à visita à Hohenschönhausen. Ao mesmo tempo, parece uma relíquia de um passado triste e controverso, mas que é “apenas” isso – passado.

A atmosfera em Lichtenberg não é colorida nem extremamente amigável, como no restante da Berlim que conheço melhor. Tanto na ida à prisão quanto nesta visita, constato que os bairros mais afastados do lado Leste são mais limpos que lugares centrais como Kreuzberg, Mitte e Friedrichshain, mas também são mais monótonos, quase sem vida.

Não me sinto totalmente confortável por aqui. Quanto mais rápido conseguir ir embora, melhor. Caminho em direção à uma loja de departamentos famosa, cujas filiais estão salpicadas por toda Berlim, e entro em busca de uma atmosfera mais familiar, antes que eu volte para o centro da cidade.

Neste lado de Berlim, tudo é gigantesco. Prédios, ruas, avenidas. Até as árvores de uma praça próxima à loja parecem maiores. Vejo menos imigrantes e bem menos turistas, e imagino que, se algum transeunte me parasse neste momento e me perguntasse de onde eu vinha, se surpreenderia mais do que se estivéssemos em qualquer outro lugar da cidade.

Afinal, quem sai do Rio de Janeiro para conhecer a sede da Stasi em Berlim?

Alguém curioso. Alguém que busca respostas para a mística berlinense há décadas. Alguém que, assumidamente, ama Berlim mais do que qualquer outro lugar do mundo. Alguém que já se perguntou mais vezes do que consegue contar o porquê de Deus, o cosmos ou o destino – dependendo da crença de cada um – ter achado melhor que não nascesse aqui.

Talvez tenha sido assim para que meu olhar tivesse algum distanciamento, para que eu encontrasse complexidade em questões que parecem mais simples aos cidadãos locais. Talvez tenha sido assim para que eu nunca deixasse de ter interesse, e nunca

pensasse em não voltar. Talvez tenha sido assim para que eu pudesse viajar centenas de quilômetros, escrever dezenas de páginas e confirmar que o mundo sempre foi maior do que a sala da minha casa naquele 9 de novembro de 1989.



## CAPÍTULO V – Conclusão

*Time is a train  
Makes the future the past  
Leaves you standing in the station  
Your face pressed up against the glass*  
(U2, Zoo Station)

Chego ao fim da minha viagem frustrada.

Frustrada por não ter encontrado todas as respostas. Frustrada por ter, ingenuamente, acreditado que isto seria possível. Frustrada por não falar alemão e, por isso, não poder entrevistar mais pessoas e ter acesso a materiais e acervos disponíveis apenas naquele idioma. Frustrada por ter pouco tempo, e mais frustrada ainda por saber que tenho que ir embora.

Berlim nunca deixará de ter uma importância extrema, quase exagerada, em minha vida. Tentar compreender a cidade, seu passado complexo e seu presente multifacetado e misterioso se tornou uma das minhas tarefas mais urgentes, mais essenciais. Tê-la visitado no momento em que a unificação completava 25 anos me ajudou a enterrar certos mitos, abandonar algumas ideias pré-concebidas e desenvolver um olhar mais crítico, com um pouco menos de adoração e muito mais discernimento.

Quando decidi iniciar esta pesquisa, imaginei que encontraria uma narrativa oficial mais triunfalista, de uma suposta vitória do Oeste sobre o Leste. Fui positivamente surpreendida com visões bem mais multifacetadas, que tentavam dar conta das dificuldades enfrentadas pelos alemães orientais durante o processo de unificação e das complexidades do processo de transição de uma Alemanha dividida entre socialismo e capitalismo para uma onde o sistema pudesse abarcar diferentes expectativas e necessidades.

Entre os discursos individuais, sabia que era importante trazer não apenas narrativas anti-DDR, mas também experiências e lembranças positivas do regime. Fui feliz em

conseguir relatos de ambas naturezas, que enriqueceram a pesquisa e colaboraram para que eu conseguisse olhar meu objeto de pesquisa com maior distanciamento e menos expectativas.

### **Muitos lados de Berlim**

Meus últimos dias em Berlim são passados de modo agridoce. Vou me despedindo aos poucos de lugares importantes para mim, como o Portal e a Torre de TV, e sinto que estou dando adeus para sempre a uma Berlim que não existe mais, porque Berlim sempre muda, e ela nunca esteve igual nenhuma das vezes em que a visitei. Certamente, não será a mesma quando eu retornar.

Entre 2001 e 2014, Berlim teve como prefeito o emblemático Klaus Wowereit, que declarou durante sua campanha à prefeitura: “Eu sou gay, e isso é uma coisa boa” (*“Ich bin schwul, und das ist auch gut so”*). Wowereit era um de apenas três prefeitos assumidamente gays na Europa na primeira década dos anos 2000. Em uma entrevista dada a um canal de TV em 2004, ele proferiu cinco palavras que não só ficariam instantaneamente famosas, como também consagrariam a fama de Berlim ao redor do mundo: *“Berlin ist arm, aber sexy”*.

“Berlim é pobre, porém sexy”.

Esta frase – e esta ideia de Berlim – atraiu milhares de jovens em busca de uma cidade barata, livre e aberta, onde punks, yuppies, *hipsters* e todo tipo de tribo cultural convivem. É uma cidade onde é possível andar na rua e ficar invisível. Um lugar com muitos cantos ainda pouco explorados, e onde se vê a História, tal como ela foi escrita no século XX, em cada esquina, calçada, prédio ou ruína.

A Berlim pobre e sexy de Wowereit, no entanto, parece estar em vias de extinção. Friedrichshain, um bairro antes dominado por casas noturnas e ocupações irregulares de prédios e fábricas abandonadas, hoje está no centro de uma briga entre empreendedores culturais e empresários do ramo de construção. A Kunsthau Tacheles, mítica casa de artes e cultura que ocupava o prédio abandonado de uma antiga loja de departamentos no Mitte, fechou as portas em 2012 após anos de disputa judicial com o HSH Nordbank, banco que é dono do prédio.

Prenzlauer Berg, que durante os anos da DDR foi a casa de intelectuais e artistas e, após a queda do Muro, se tornou palco de diversas ocupações irregulares, é atualmente um paraíso *hipster*, com seus mercados de orgânicos e jovens casais empurrando carrinhos de bebê por ruas arborizadas. Até bairros do Oeste, como Kreuzberg e Neukölln, conhecidos por abrigarem colônias turcas e árabes, hoje estão na mira de especuladores imobiliários.

Especulação imobiliária, aliás, é uma triste realidade em Berlim. O problema escalou a tal ponto que, em 2015, passou a vigorar uma lei que limita o reajuste de novos aluguéis em até 10% do valor médio de cada bairro.<sup>40</sup> Ainda é cedo para avaliar se o efeito da lei será positivo, mas as transformações que a cidade sofreu com a gentrificação são impossíveis de ignorar.

Em 2013, após anos resistindo às investidas de especuladores, a East Side Gallery foi cenário de protestos contra a retirada de uma seção de 20 metros do Muro com o propósito de construir um acesso ao rio Spree para um condomínio de luxo construído nas imediações. Apesar da comoção popular contra a desfiguração de um dos monumentos mais importantes da cidade, a retirada de parte dos murais da galeria foi autorizada, e hoje a East Side Gallery é mais uma vítima da guerra entre a velha e nova Berlim, e talvez o maior símbolo da resistência da cidade à possibilidade de se tornar uma metrópole europeia como Londres.<sup>41</sup>

### **Diferentes narrativas**

Gentrificação, *Ostalgie*, unificação, DDR, memória, passado. Berlim é complexa, difícil de compreender em alguns momentos, mas nunca entediante. Em minhas viagens, conheci várias faces da cidade, tentei compreender os aspectos conflitantes e, por vezes, violentos que a tornaram o que é hoje, e sempre saí de lá com a impressão de que mal tinha chegado à superfície.

Andar pelos corredores de Hohenschönhausen e descobrir que a descarga dos vasos sanitários ficava fora das celas, longe do alcance dos prisioneiros, foi apenas um

---

<sup>40</sup> The Guardian. Berlin becomes first German city to make rent cap a reality (2015).

<sup>41</sup> No artigo “*Resistance art, or the art of resisting: 25 years of the East Side Gallery*”, escrito para o site de jornalismo colaborativo Contributoria, abordo o simbolismo da East Side Gallery como memorial e lugar de resistência (ALVIM, 2015).

choque de realidade entre tantos que sofri enquanto estive lá. Conversar com os Förster e comprovar que é possível guardar mais lembranças boas do que ruins da DDR, outro. Descobrir que o *zeitgeist* que eu procurava em Berlim já não existia há muito tempo, o maior de todos.

Esta é uma história não só sobre a memória da Alemanha Oriental vista sob a perspectiva de Berlim, mas também sobre a construção da minha memória da cidade. Talvez por conta dessa carga tão pessoal, o que menos tentei neste trabalho foi dar maior ênfase às narrativas oficiais. Quis ouvir pessoas, ainda que poucas tenham me dado seus relatos. As poucas que deram foram instrumentais para que eu transformasse minhas próprias percepções – como uma pessoa apaixonada que se dá conta de que, afinal, quem ela ama também tem defeitos.

Parei de tentar impor à cidade uma aura que ela já perdeu. Berlim hoje, para mim, é mais complicada, tem ainda mais nuances e, apesar disso, ou por causa disso, é um lugar pelo qual anseio mais. Não quero respostas óbvias ou discursos únicos. Não procuro um consenso nem mantenho a ilusão de que a cidade é um paraíso recém-descoberto. Porém, nada disso implica que Berlim não seja mais um lugar de possibilidades. Ainda há muito a ser visto, experimentado, escrito sobre, vivido.

Nesta última visita, talvez por ter explorado mais lugares da cidade e visitado cantos que ainda não conhecia, consegui enxergar um pouco da Berlim pobre e sexy de Wowereit. Ainda há pontos de resistência à incrível pressão da especulação imobiliária e da tomada da cidade por turistas, bairros e ruas que ainda conservam o espírito “faça você mesmo” que fazem de Berlim uma cidade com alma punk, um pouco suja, às vezes feia, mas sempre tentando viver em seus próprios termos.

A força transformadora que tenta igualar Berlim a outras grandes cidades europeias é difícil de resistir. Ceder à gentrificação e à tomada da cidade por expatriados endinheirados certamente daria impulso à economia e tiraria Berlim da complicada situação de ser uma das cidades com a maior taxa de pobreza da Alemanha.<sup>42</sup>

---

<sup>42</sup> Spiegel Online. Poor in the City: Urban Poverty on the Rise in Germany (2012).

Por outro lado, aceitar a pressão de se tornar um paraíso para especuladores e permitir que seus cidadãos mais antigos e mais pobres sejam empurrados para cada vez mais longe dos bairros centrais significaria perder a alma que faz de Berlim uma cidade vibrante e diversa, onde diferentes culturas convivem de maneira harmoniosa e para onde jovens artistas ainda vão em busca de inspiração. A gentrificação certamente trouxe benefícios à cidade, mas Berlim terá sido muito mais bem-sucedida se conseguir encontrar um inédito equilíbrio entre seu espírito livre e sua nova face modernizadora.

Acredito que uma das chaves para a busca dessa harmonia seja o fascínio de Berlim pela manutenção da memória. A cidade pode ser acusada de ter se tornado um grande parque de museus e memoriais, mas sua insistência em não varrer o passado para debaixo do tapete é prova do esforço para não perder sua identidade e sua história. Enquanto a cidade conseguir manter suas cicatrizes visíveis, Berlim dificilmente irá se tornar uma capital sem rosto ou personalidade, um Meca de turistas em busca de passatempos simples. É possível ir à Berlim com o objetivo de apenas se divertir, mas dificilmente um visitante passará totalmente incólume aos sinais do passado doloroso do lugar.

São pedaços do Muro espalhados por vários bairros, placas nas calçadas indicando a moradia de vítimas do Holocausto, vitrines com livros sobre a Stasi e muros e prédios com pichações que remetem aos anos logo após a unificação. São pessoas como Gerd Zimmermann, que luta para que o passado de opressão da DDR não seja esquecido em meio à onda “Ostálgica”; como *Herr Wolle*, que se esforça para mostrar toda a complexidade da memória da Alemanha Oriental no espaço de um museu, ou como os Förster, que personificam a noção de que percepções individuais podem triunfar sobre a memória coletiva.

Berlim tem muitas marcas, e nenhuma maquiagem – tanto a da nostalgia quanto a da gentrificação – poderia esconder todas. É isto que a torna fascinante para mim. É por isso que eu sempre voltarei.

## **OBSERVAÇÕES FINAIS**

Todas as traduções de conteúdos nas línguas inglesa e alemã que constam neste trabalho são de minha autoria.

Nenhuma bolsa ou apoio financeiro foi recebido para a viagem, pesquisa de campo e estada em Berlim.

## REFERÊNCIAS

ALVIM, Juliana. Resistance art, or the art of resisting: 25 years of the East Side Gallery. Disponível em: <<http://www.contributoria.com/issue/2015-04/54cff2eab2546e2c66000006/>>.

BACH, Jonathan. “The Taste Remains”: Consumption, (N)ostalgia, and the Production of East Germany. *Public Culture*, 14 (3), p. 545-56, 2002.

BERDAHL, Daphne. *On the Social Life of Postsocialism: Memory, Consumption, Germany*. Bloomington: Indiana University Press, 2010. 170 p.

BETTS, Paul. *Within Walls: Private Life in the German Democratic Republic*. Oxford: Oxford University Press, 2010. 324 p.

BOYER, Dominic. Ostalgie and the politics of the future in Eastern Germany. *Public Culture*, Durham, v. 18, n. 2, p. 361-381, 2006. Disponível em <[http://anthropology.rice.edu/uploadedFiles/People/Faculty\\_and\\_Staff\\_Profiles/Boyer\\_Documents/Ostalgie.pdf](http://anthropology.rice.edu/uploadedFiles/People/Faculty_and_Staff_Profiles/Boyer_Documents/Ostalgie.pdf)>.

BSU – DER BUNDESBEAUFTRAGTE FÜR DIE UNTERLAGEN DES STAATSSICHERHEITSDIENSTES DER EHEMALIGEN DEUTSCHEN DEMOKRATISCHEN REPUBLIK. Disponível em: <[http://www.bstu.bund.de/EN/Home/home\\_node.html;jsessionid=C5ADB332CA7EABD563CE57A265285345.2\\_cid354](http://www.bstu.bund.de/EN/Home/home_node.html;jsessionid=C5ADB332CA7EABD563CE57A265285345.2_cid354)>.

BURDA, Michael C, HUNT, Jennifer. *From Reunification to Economic Integration: Productivity and the Labor Market in Eastern Germany*. *Brookings Papers on Economic Activity*, Washington, 2001. Disponível em <[http://www.brookings.edu/~media/Projects/BPEA/Fall-2001/2001b\\_bpea\\_burda.PDF](http://www.brookings.edu/~media/Projects/BPEA/Fall-2001/2001b_bpea_burda.PDF)>.

COOKE, Paul. *Representing East Germany since Unification: From Colonization to Nostalgia*. Oxford: Berg, 2005. 236 p.

DDR MUSEUM. Disponível em <<http://www.ddr-museum.de/en>>.

DEUTSCHES HISTORISCHES MUSEUM. Alltag Einheit. Porträt einer Übergangsgesellschaft. Berlin: Stiftung Deutsches Historisches Museum, 2015. 104 p.

DW.COM. Interbau: The Modernization of Germany. Disponível em: <<http://www.dw.com/en/interbau-the-modernization-of-germany/a-2669713>>.

ERLER, Peter, KNABE, Hubertus. The Prohibited District: The Stasi Restricted Area Berlin-Hohenschönhausen. Berlin: Jaron Verlag, 2008. 96 p.

EVANGELISCHE KAISER-WILHELM-GEDÄCHTNIS-KIRCHENGEMEINDE. Disponível em <<http://www.gedaechtniskirche-berlin.de>>.

FITZMAURICE, John. Easter Germany. Electoral Studies. Londres, v. 9, n. 4, p. 327-336, 1990. Disponível em <<http://www.sciencedirect.com/science/journal/02613794/9>>.

FUNDER, Anna. Stasiland: Stories from behind the Berlin Wall. New York: Harper Perennial, 2002. 288 p.

GERMAN HISTORY IN DOCUMENTS AND IMAGES. Disponível em: <[http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub\\_document.cfm?document\\_id=223](http://germanhistorydocs.ghi-dc.org/sub_document.cfm?document_id=223)>

HOLM, Andrej. Berlin's Gentrification Mainstream. IN: BERNT, Matthias, GRELL, Britta, HOLM, Andrej (eds.). The Berlin Reader: A Compendium on Urban Change and Activism. Bielefeld: Transcript-Verlag, 2013. 280 p.

HYLAND, Claire. 'Ostalgie doesn't fit!': Individual Interpretations of and Interaction with Ostalgie. IN: PINFOLD, Debbie, SAUNDERS, Anna (eds.). Remembering and Rethinking the GDR. Multiple Perspectives and Plural Authenticities. London: Palgrave Macmillan, 2013. 253 p.



JAMES, Jason. Preservation and national belonging in Eastern Germany. Heritage fetishism and redeeming Germanness. London: Palgrave Macmillan, 2012. 216 p.

KÜHN, Claudia. Ampelmann, From Traffic Signal to Cultural Icon. Berlin: Ampelmann Edition, 2015. 122p.

REUTERS. East Germany's 'Purple Witch' Margot Honecker dies in Chile aged 89. Disponível em: <<http://www.reuters.com/article/us-people-honecker-germany-idUSKCN0XX259>>.

RBB ONLINE. Die Bilder von kurz danach. Disponível em: <<http://www.rbb-online.de/kultur/beitrag/2015/05/deutsches-historisches-museum-ausstellung-alltag-einheit.html>>

SAID, Edward. Orientalism. London: Penguin, 1977. 396 p.

SCHMIDT, Manfred G. Social Policy in the German Democratic Republic. IN: SCHMIDT, Manfred G, RITTER, Eberhard A. The Rise and Fall of a Socialist Welfare State. The German Democratic Republic (1949-1990) and German Unification (1989-1994). Berlin: Springer-Verlag Berlin Heidelberg, 2013. 308 p.

SIERP, Aline. Nostalgia for Times Past. On the Uses and Abuses of the Ostalgie Phenomenon in Eastern Germany. Contemporary European Studies, Olomouc, v. 2, p. 47-60, 2009. Disponível em: <<http://www.ces.upol.cz/pic/item/pdf/49.pdf>>.

SPIEGEL ONLINE. Poor in the City: Urban Poverty on the Rise in Germany. Disponível em: <<http://www.spiegel.de/international/germany/study-finds-alarming-increase-in-urban-poverty-across-germany-a-867209.html>>.

SPIEGEL ONLINE. Rent-a-Plot: Germany's Garden Ghettos. Disponível em <<http://www.spiegel.de/international/rent-a-plot-germany-s-garden-ghettos-a-410799.html>>.

STADT KÖNIGS WUSTERHAUSEN. Königs Wusterhausen: Die schönsten Seiten. Erfurt: Sutton Verlag GmbH, 2014. 84 p.

STATISTISCHE ÄMTER DES BUNDES UND DER LÄNDER. 25 Jahre Deutsche Einheit. Statistisches Bundesamt, 2009. Disponível em: <[https://www.destatis.de/DE/Publikationen/Thematisch/Regionales/25JahreDeutscheEinheit0007028159004.pdf?\\_\\_blob=publicationFile](https://www.destatis.de/DE/Publikationen/Thematisch/Regionales/25JahreDeutscheEinheit0007028159004.pdf?__blob=publicationFile)>.

THE ECONOMIST. Berlin's boulevard of dreams. Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/prospero/2011/05/kurfürstendamm>>.

THE GUARDIAN. Berlin becomes first German city to make rent cap a reality. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/jun/01/rent-cap-legislation-in-force-berlin-germany>>.

THE NEW YORK TIMES. Top German Court Virtually Absolves Eastern Spymasters. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1995/05/24/world/top-german-court-virtually-absolves-eastern-spymasters.html>>.

THE TELEGRAPH. German mobs' vengeance on Jews - Nov 11, 1938. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/history/britain-at-war/3418286/German-mobs-vengeance-on-Jews-Nov-11-1938.html>>.

YOUTUBE. Erich Mielke- '...Ich liebe doch alle...'. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1XBEqyu5Mck>>.

YOUTUBE. Lipsi-Tanz in der DDR 1959. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=0Qbc9VUBy\\_8](https://www.youtube.com/watch?v=0Qbc9VUBy_8)>.

## ANEXO – Imagens de Berlim



Fachada da loja de produtos do  
*Ampelmann* na Unter den Linden.  
(Crédito: Juliana Alvim)



Calendário temático de Berlim Oriental  
(*Das War Berlin*, ou Assim era Berlin).  
(Crédito: Juliana Alvim)



Licores temáticos da RDA (*Kleine DDR*, ou  
Pequena DDR). (Crédito: Juliana Alvim)



Livros de culinária, brinquedos, design e veículos da Alemanha Oriental.

(Crédito: Juliana Alvim)



Tapume com a marca da festa da unificação em frente ao Portal de Brandemburgo.

(Crédito: Juliana Alvim)





Placa comemorativa da Coca-Cola pelos 25 da unificação alemã.

(Crédito: Juliana Alvim)



Monumento em homenagem aos alemães orientais que morreram na travessia do Muro (*Den Opfern der Mauer*, Vítimas do Muro). (Crédito: Juliana Alvim)



Cela em Hohenschönhausen. Sobre a cama, um uniforme de detento.

*(Crédito: Juliana Alvim)*



Udo Beyer (dir.), atleta da Alemanha Oriental e informante da Stasi.

Imagem feita no Museu da Stasi. *(Crédito: Juliana Alvim)*



Organograma improvisado do SED e da estrutura do Estado alemão oriental. Sobre a imagem, lê-se “*Die Partei ist der Staat*”, ou “O partido é o Estado”. Imagem feita no Museu da Stasi. (Crédito: Juliana Alvim)



O salão de diversões/cassino da sede da Stasi, próximo ao gabinete de Erich Mielke. Imagem feita no Museu da Stasi. (*Crédito: Juliana Alvim*)



O gabinete de Erich Mielke. Imagem feita no Museu da Stasi. (*Crédito: Juliana Alvim*)





Um Trabant circulando próximo ao Tiergarten. Ao fundo, semáforo com o *Ampelmann*. (Crédito: *Juliana Alvim*)